

APROBIO
Associação dos Produtores de Biodiesel do Brasil




Ubrabio
União Brasileira do Biodiesel
e Bioquerosene



COMISSÃO MISTA ESPECIAL SOBRE A LEI KANDIR

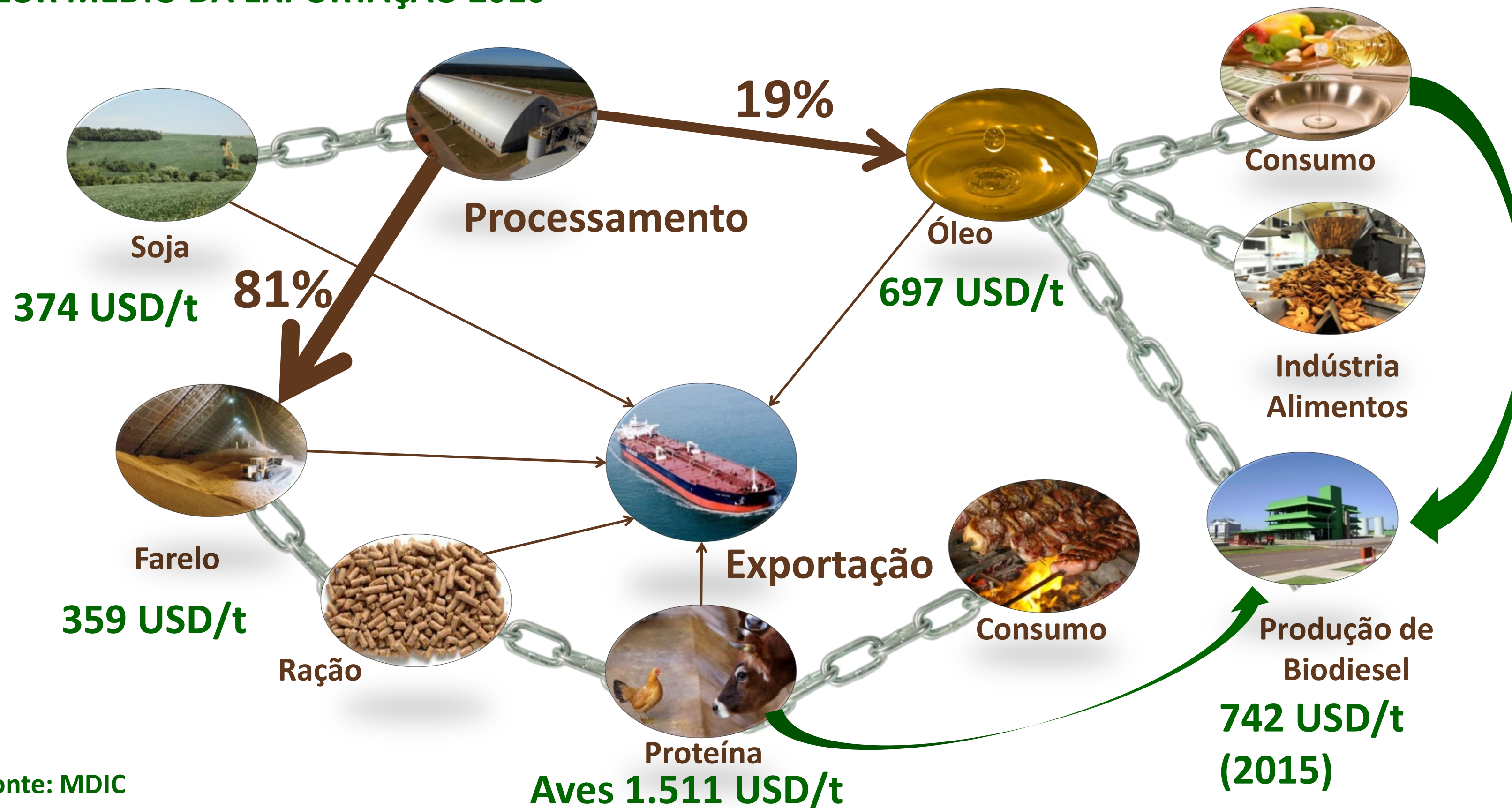
Audiência Pública
26/10/2017



Complexo
Soja
DISTORÇÕES
TRIBUTÁRIAS INTERNACIONAIS E
NACIONAIS

AGREGAÇÃO DE VALOR NA CADEIA DA SOJA

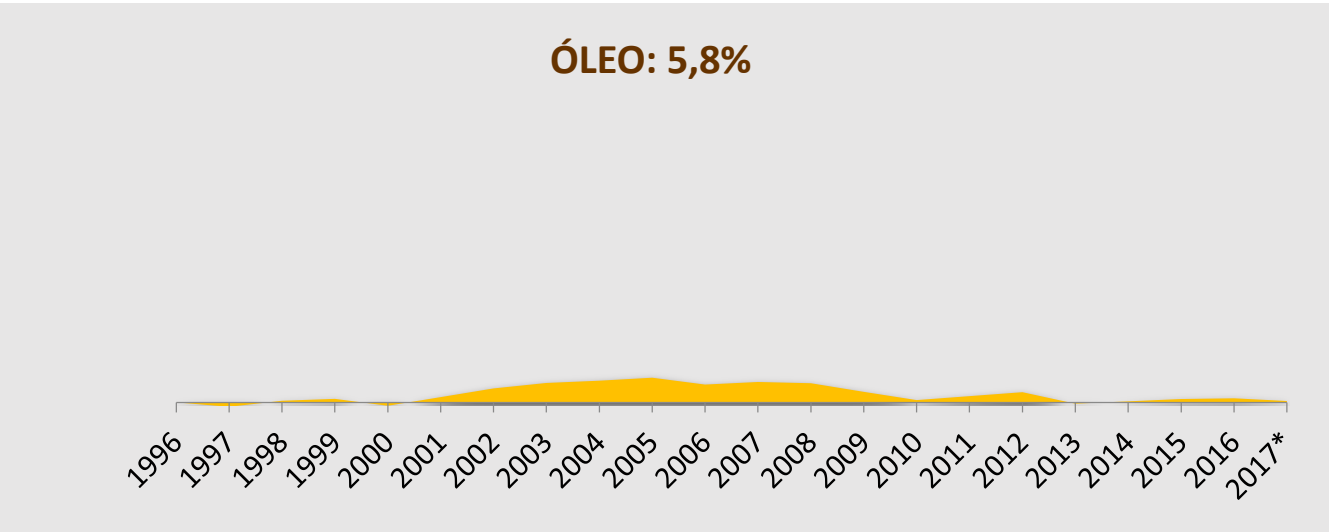
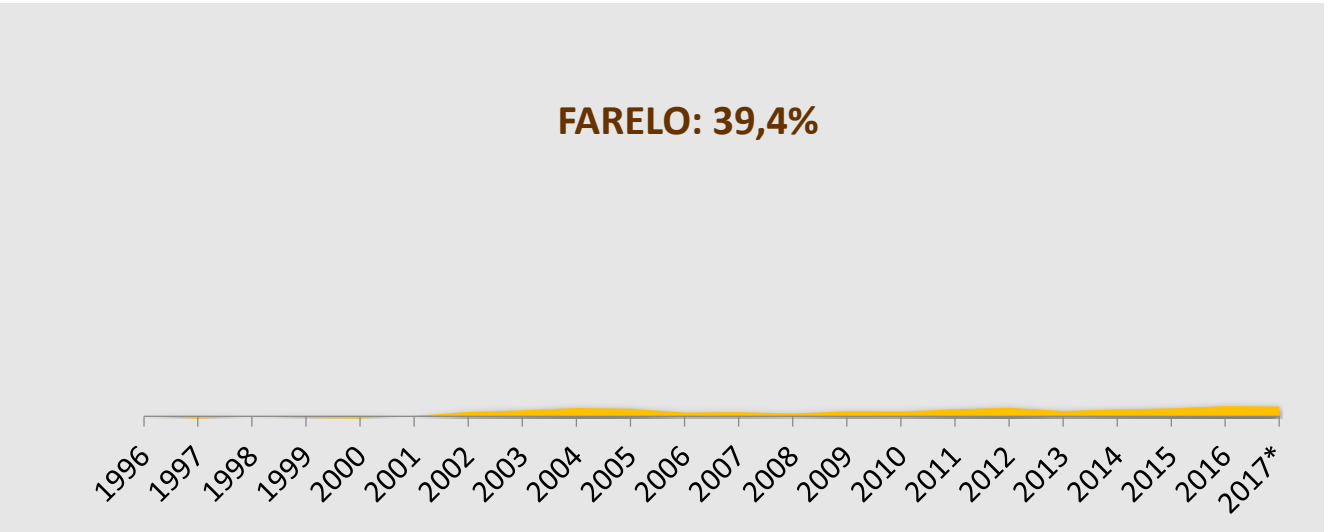
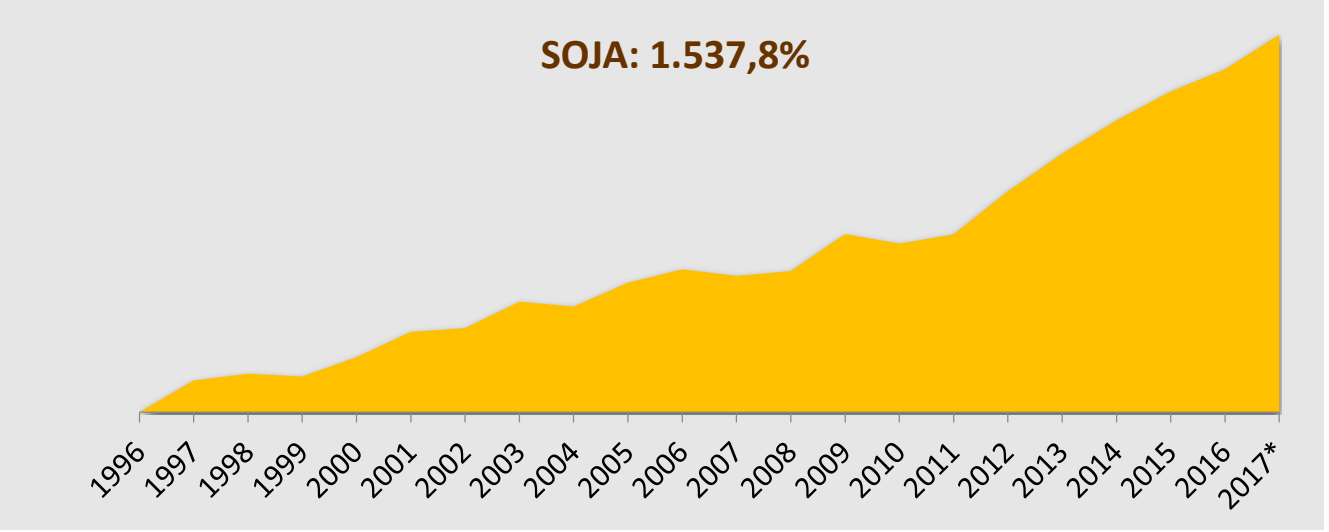
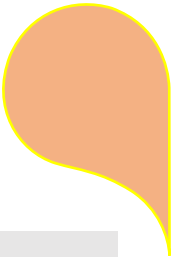
VALOR MÉDIO DA EXPORTAÇÃO 2016



Exportação e Importação

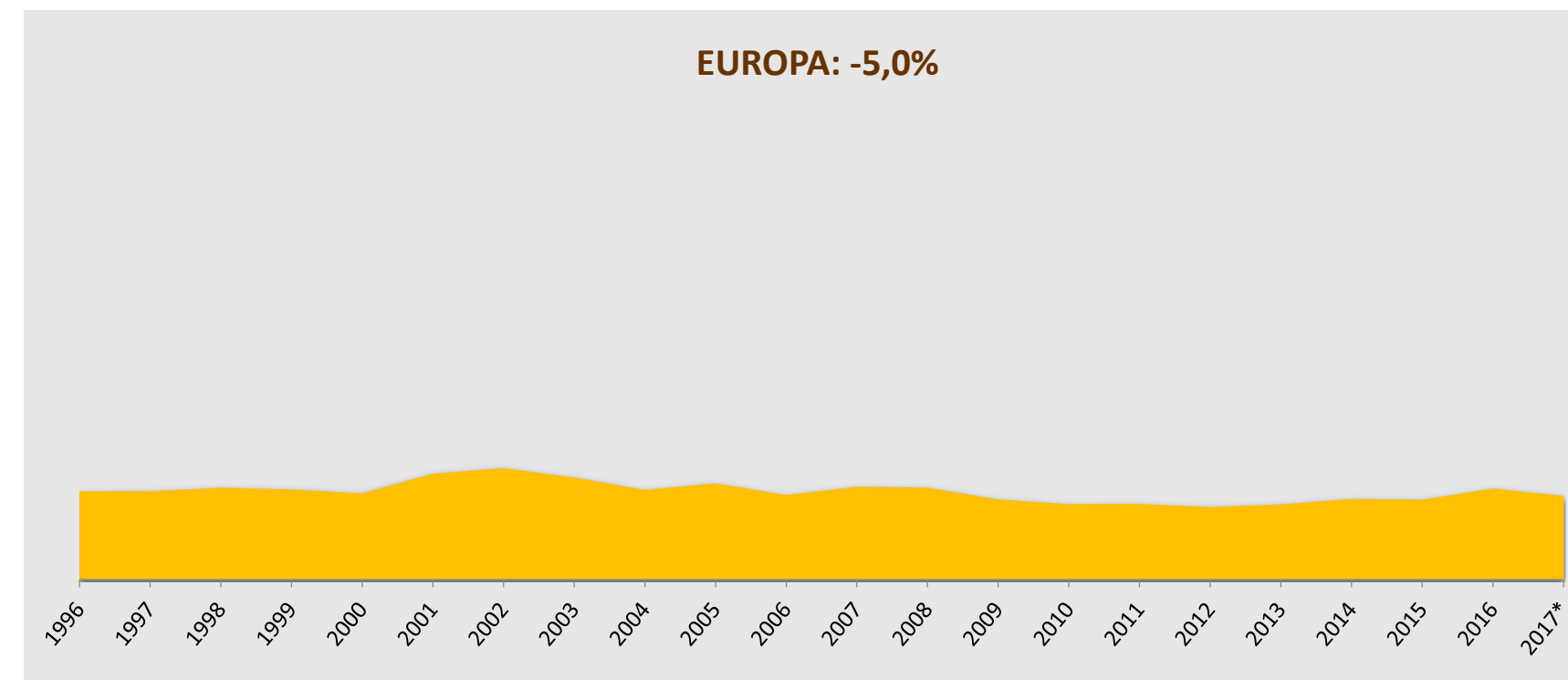
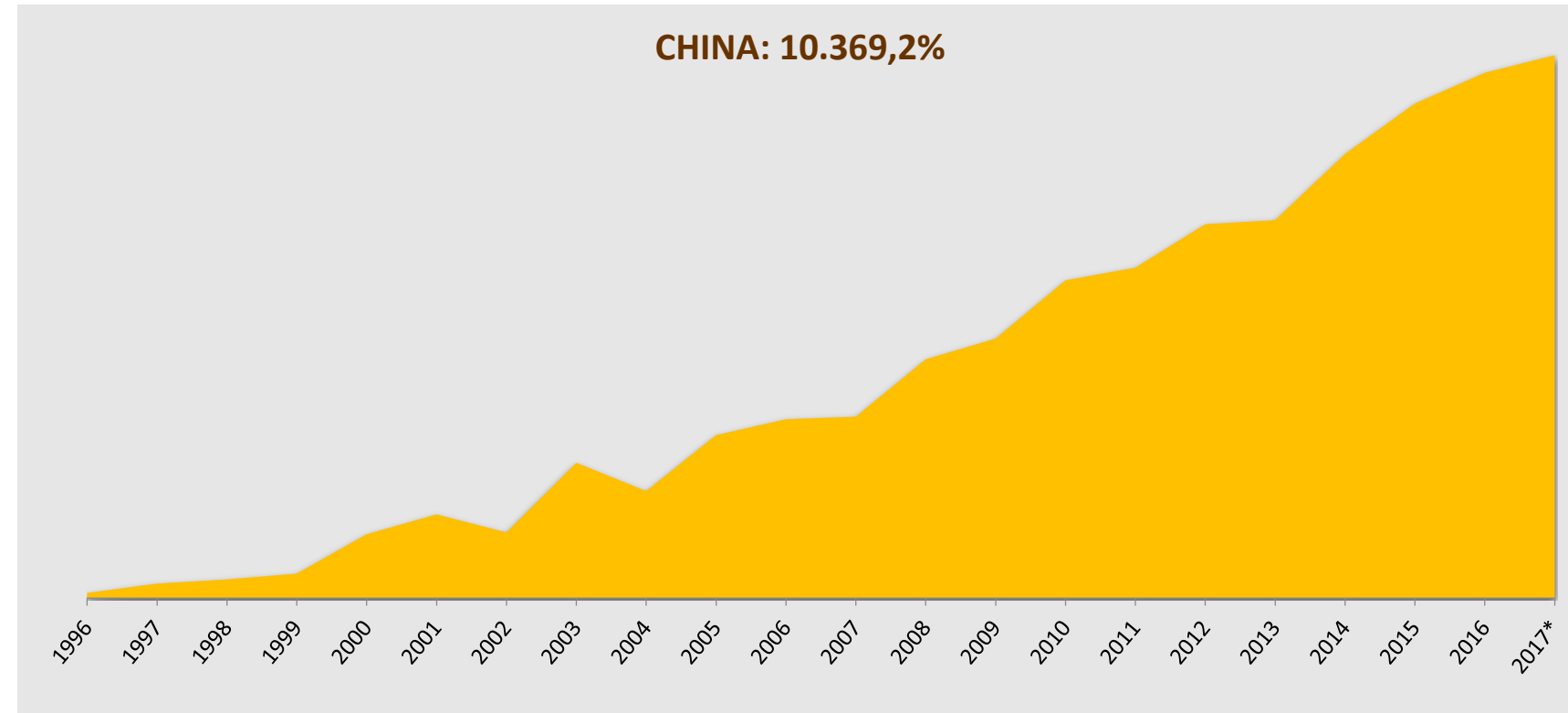
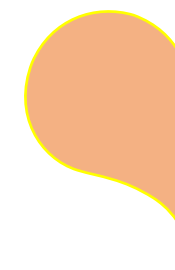


Evolução das Exportações – em % Brasil



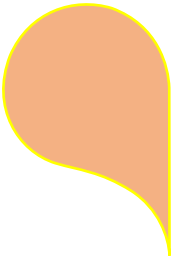
FONTE: USDA – DEZ/2016
* PROJEÇÃO

Evolução das Importações – em % Soja



FONTE: USDA – DEZ/2016
* PROJEÇÃO

Tarifas Praticadas



Exportação

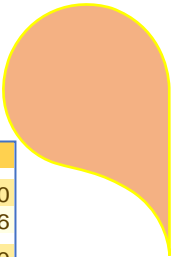
	Argentina	Brasil	
	Retenções	Antes da Lei Kandir ICMS	Após a Lei Kandir CSPR *
Soja	30%	13,0%	Desonerado
Biodiesel	0%	-	2,3%
Óleo Refinado	27%	8,0%	2,3%
Óleo Bruto	27%	8,0%	2,3%
Farelo	27%	11,2%	2,3%

*CSPR – CONTRIBUIÇÃO SOCIAL DO PRODUTOR RURAL

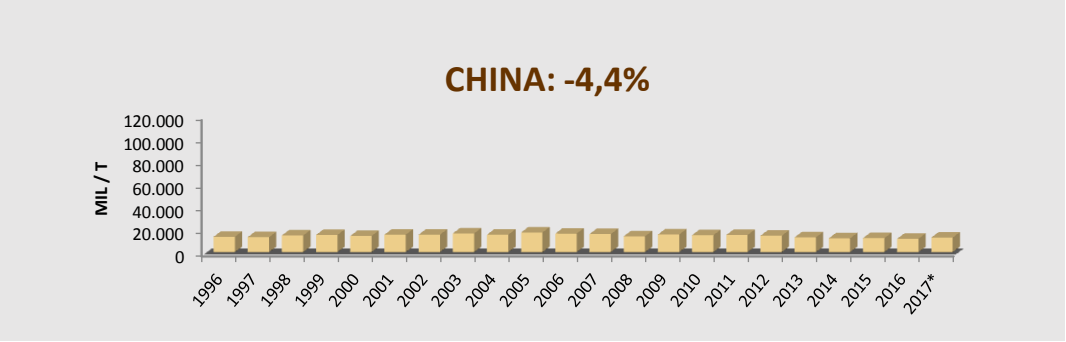
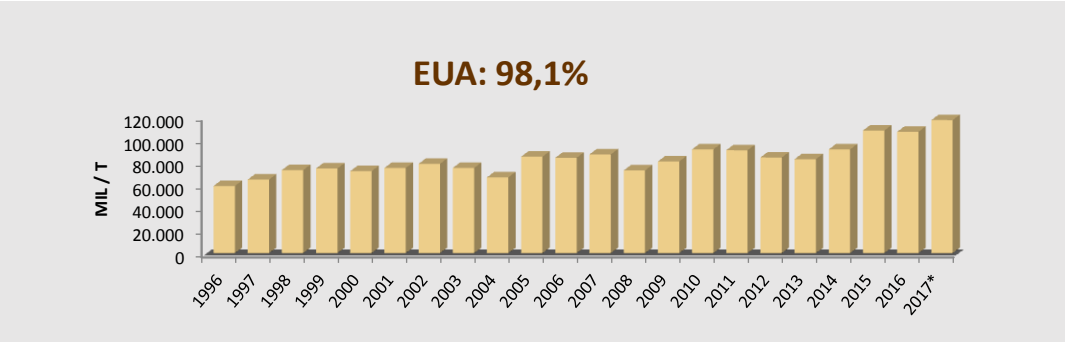
Importação

	União Europeia	China
Soja	0	3%
Biodiesel	0	-
Óleo Refinado [Alimentação]	6,1%	-
Óleo Refinado [Biodiesel]	1,6%	-
Óleo Bruto	2,9%	9%
Óleo Bruto [Biodiesel]	0	-
Farelo	0	5%

Evolução da Produção Agrícola

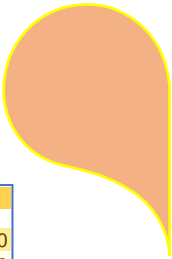


	1996	1997	2005	2006	2011	2012	2016	2017*
BRASIL	24.150	27.300	53.000	57.000	75.300	66.500	96.500	104.000
Evolução em %	0,0	13,0	119,5	136,0	211,8	175,4	299,6	330,6
ARGENTINA	12.430	11.200	39.000	40.500	49.500	40.100	56.800	57.000
Evolução em %	0,0	-9,9	213,8	225,8	298,2	222,6	357,0	358,6
EUA	59.174	64.780	85.013	83.999	90.663	84.291	106.860	117.210
Evolução em %	0,0	9,5	43,7	42,0	53,2	42,4	80,6	98,1
CHINA	13.500	13.220	17.400	16.350	15.100	14.485	11.790	12.900
Evolução em %	0,0	-2,1	28,9	21,1	11,9	7,3	-12,7	-4,4
EUROPA	939	1.144	800	1.174	1.090	1.290	2.260	2.420
Evolução em %	0,0	21,8	-14,8	25,0	16,1	37,4	140,7	157,7

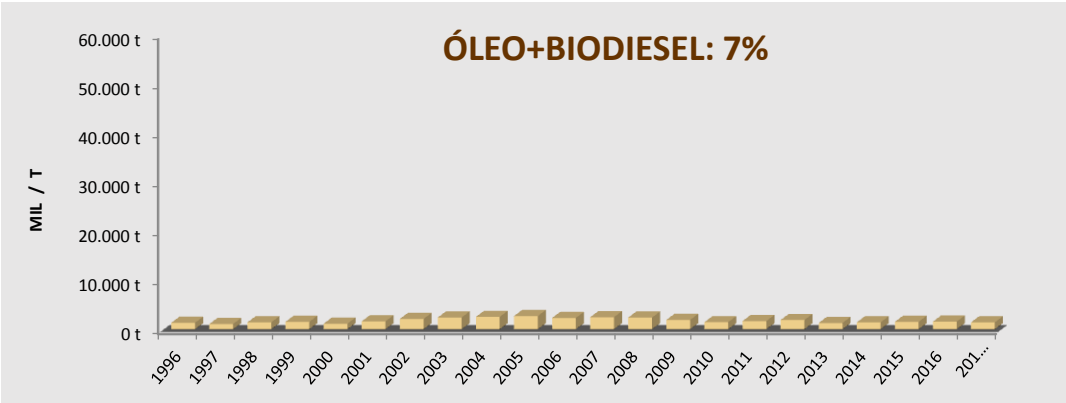
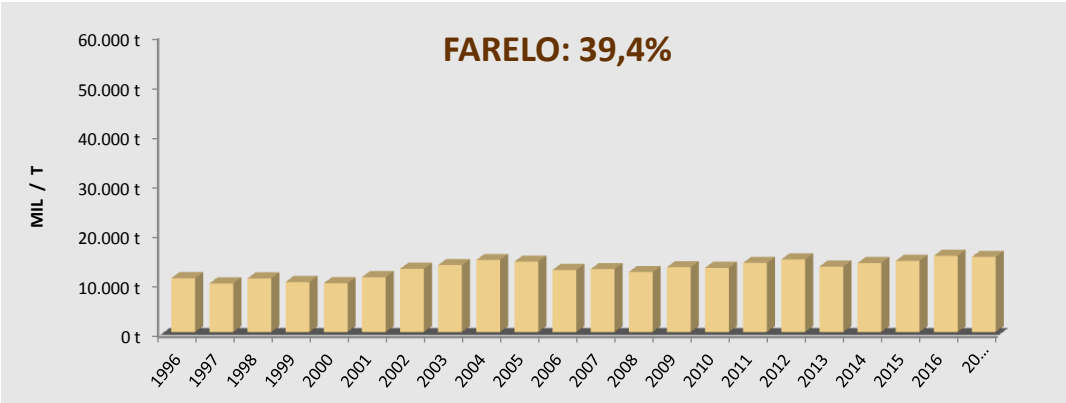
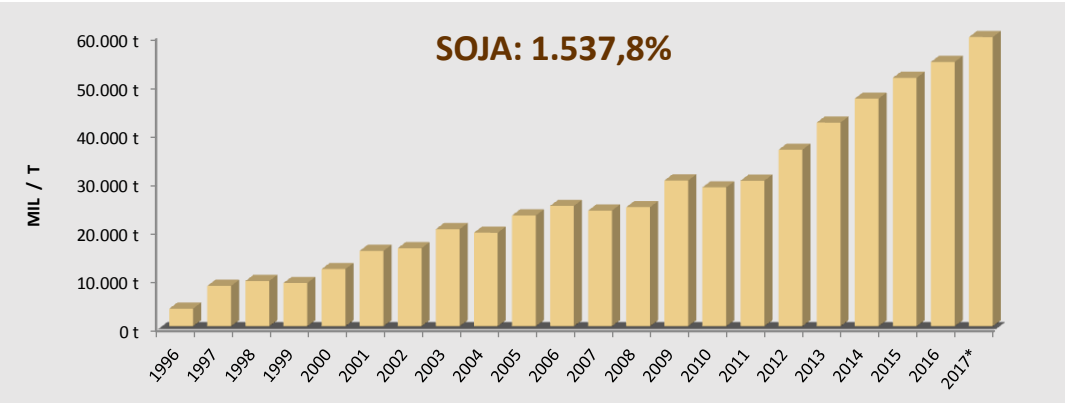


Evolução das Exportações

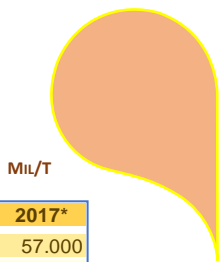
Brasil



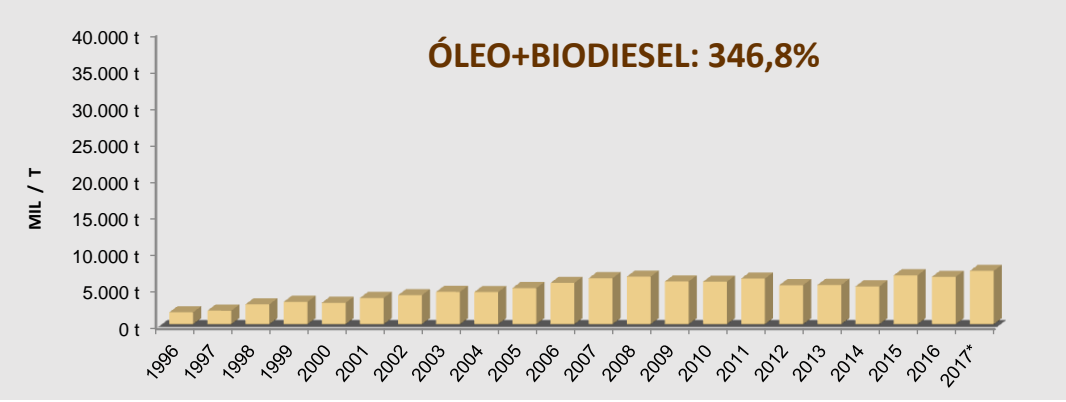
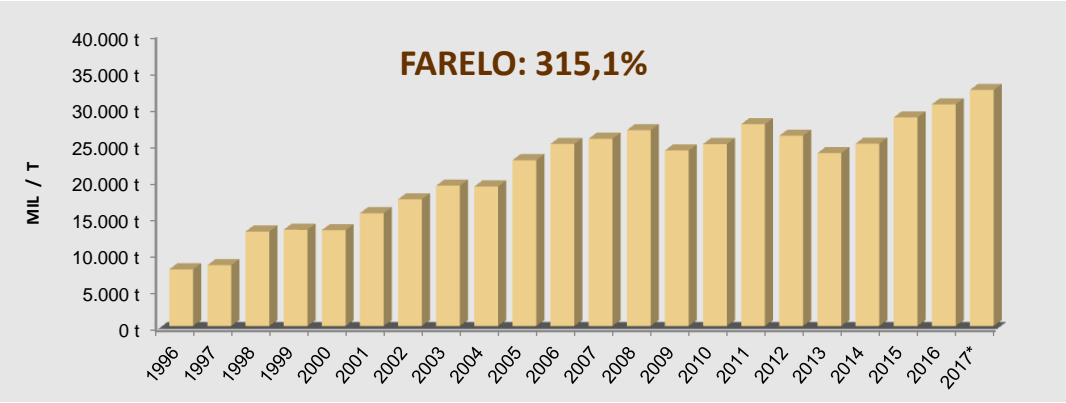
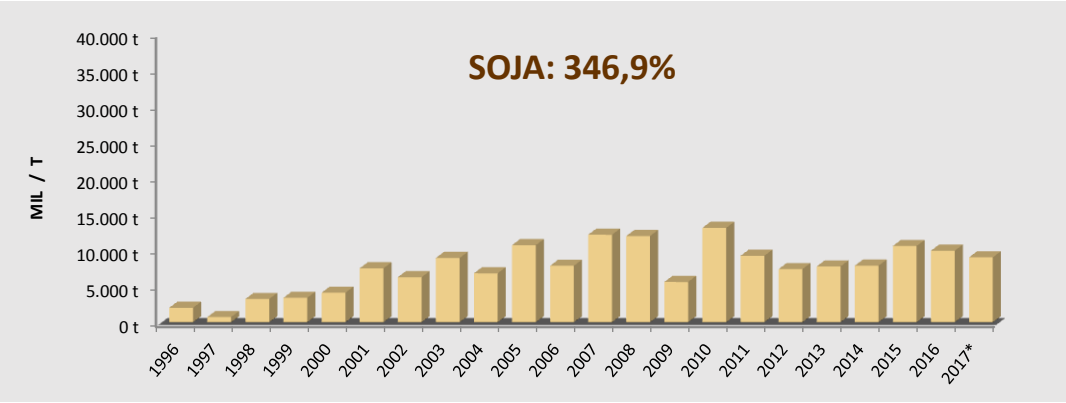
	1996	1997	2005	2006	2011	2012	2016	2017*
PRODUÇÃO AGRÍCOLA	24.150	27.300	53.000	57.000	75.300	66.500	96.500	104.000
Evolução em %	0,0	13,0	119,5	136,0	211,8	175,4	299,6	330,6
EXPORTAÇÃO SOJA	3.633	8.327	22.798	24.770	29.950	36.320	54.380	59.500
Evolução em %	0,0	129,2	527,5	581,8	724,4	899,7	1.396,8	1.537,8
EXPORTAÇÃO FARELO	10.900	9.841	14.225	12.560	13.990	14.680	15.407	15.200
Evolução em %	0,0	-9,7	30,5	15,2	28,3	34,7	41,3	39,4
EXPORTAÇÃO ÓLEO	1.323	1.077	2.697	2.315	1.670	1.890	1.550	1.400
Evolução em %	0,0	-18,6	103,9	75,0	26,2	42,9	17,2	5,8
EXPORTAÇÃO BIODIESEL	0	0	0	0	0	0	13	16
Evolução em %	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	-62,9	-54,3
EXPORTAÇÃO ÓLEO+BIODIESEL	1.323	1.077	2.697	2.315	1.670	1.890	1.563	1.416
Evolução em %	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	42,9	18,1	7,0



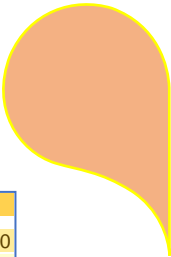
Evolução das Exportações Argentina



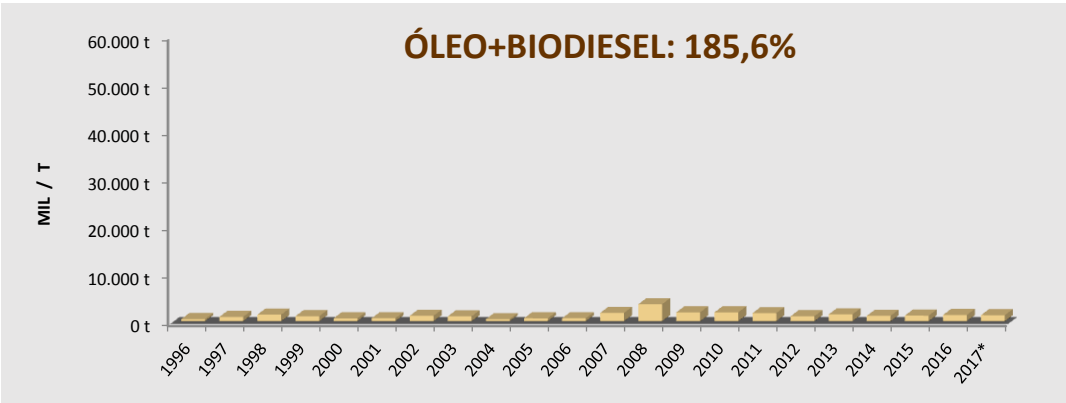
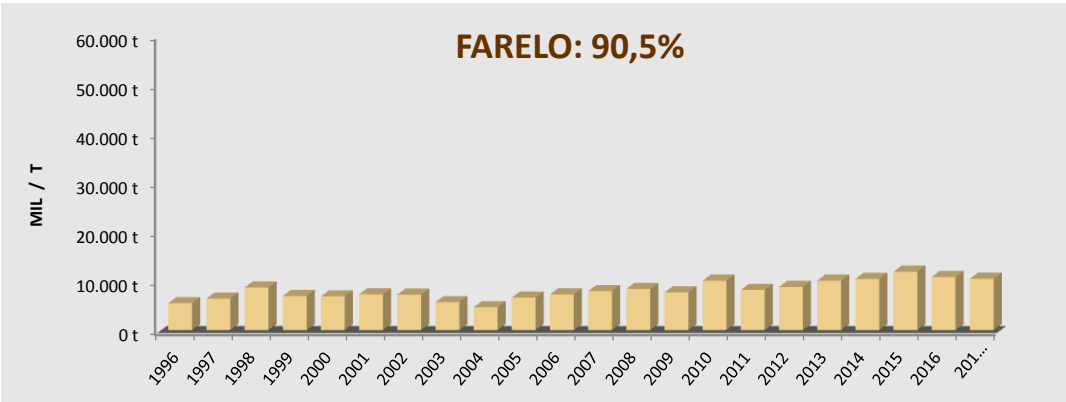
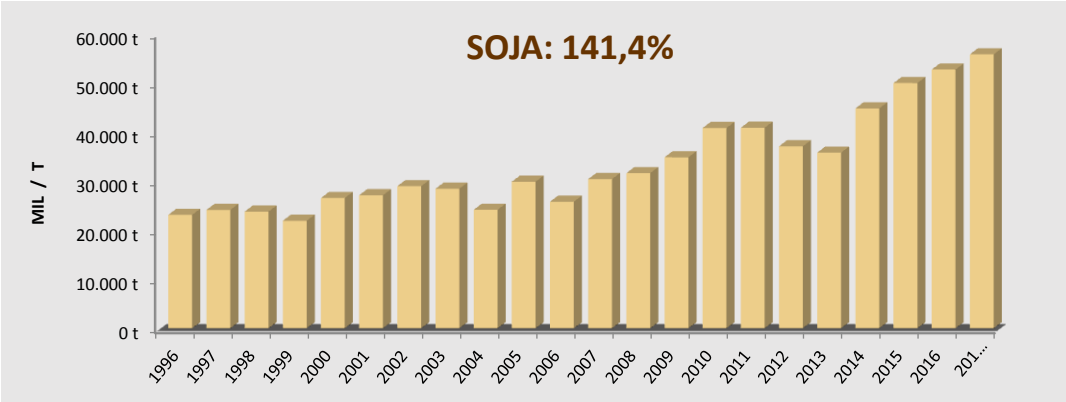
	1996	1997	2005	2006	2011	2012	2016	2017*
PRODUÇÃO AGRÍCOLA	12.430	11.200	39.000	40.500	49.000	40.100	56.800	57.000
Evolução em %	0,0	-9,9	213,8	225,8	294,2	222,6	357,0	358,6
EXPORTAÇÃO DE SOJA	2.014	725	10.686	7.830	9.210	7.370	9.920	9.000
Evolução em %	0,0	-64,0	430,6	288,8	357,3	265,9	392,6	346,9
EXPORTAÇÃO DE FARELO	7.781	8.350	22.703	24.927	27.620	26.040	30.325	32.300
Evolução em %	0,0	7,3	191,8	220,4	255,0	234,7	289,7	315,1
EXPORTAÇÃO DE ÓLEO	1.634	1.860	4.944	5.660	4.560	3.790	5.690	5.650
Evolução em %	0,0	13,8	202,6	246,4	179,1	131,9	248,2	245,8
EXPORTAÇÃO DE BIODIESEL	0	0	0	0	1.692	1.558	788	1.650
Evolução em %	0,0	0,0	0,0	0,0	430,4	388,4	147,0	417,2
EXPORTAÇÃO ÓLEO+BIODIESEL	1.634	1.860	4.944	5.660	6.252	5.348	6.478	7.300
Evolução em %	0,0	13,8	202,6	246,4	282,6	227,3	296,5	346,8



Evolução das Exportações EUA

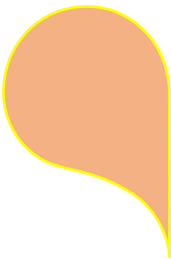


	1996	1997	2005	2006	2011	2012	2016	2017*
PRODUÇÃO AGRÍCOLA	59.174	64.780	85.013	83.999	90.610	84.190	106.860	117.210
Evolução em %	0,0	9,5	43,7	42,0	53,1	42,3	80,6	98,1
EXPORTAÇÃO SOJA	23.108	24.110	29.860	25.778	40.851	37.068	52.690	55.790
Evolução em %	0,0	4,3	29,2	11,6	76,8	60,4	128,0	141,4
EXPORTAÇÃO FARELO	5.524	6.451	6.659	7.316	8.238	8.845	10.853	10.523
Evolução em %	0,0	16,8	20,5	32,4	49,1	60,1	96,5	90,5
EXPORTAÇÃO ÓLEO	450	922	600	523	1.466	664	1.016	975
Evolução em %	0,0	104,9	33,3	16,2	225,8	47,6	125,8	116,7
EXPORTAÇÃO BIODIESEL	0	0	29	116	243	399	294	310
Evolução em %	0,0	0,0	0,0	0,0	109,5	244,0	153,4	167,2
EXPORTAÇÃO ÓLEO+BIODIESEL	450	922	629	639	1.709	1.063	1.310	1.285
Evolução em %	0,0	104,9	39,8	42,0	279,8	136,2	191,1	185,6



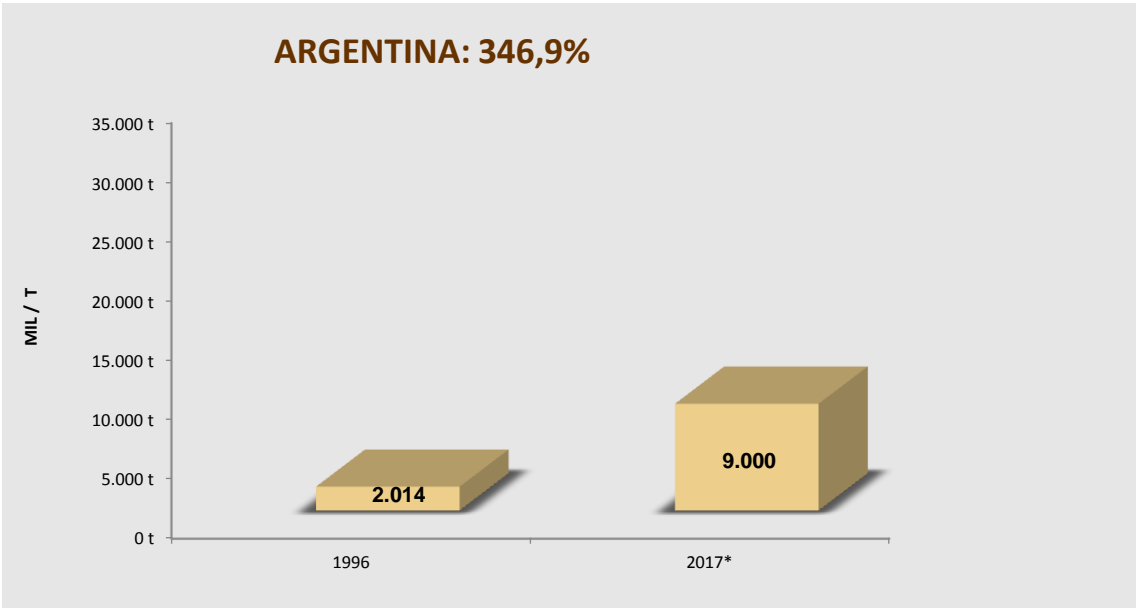
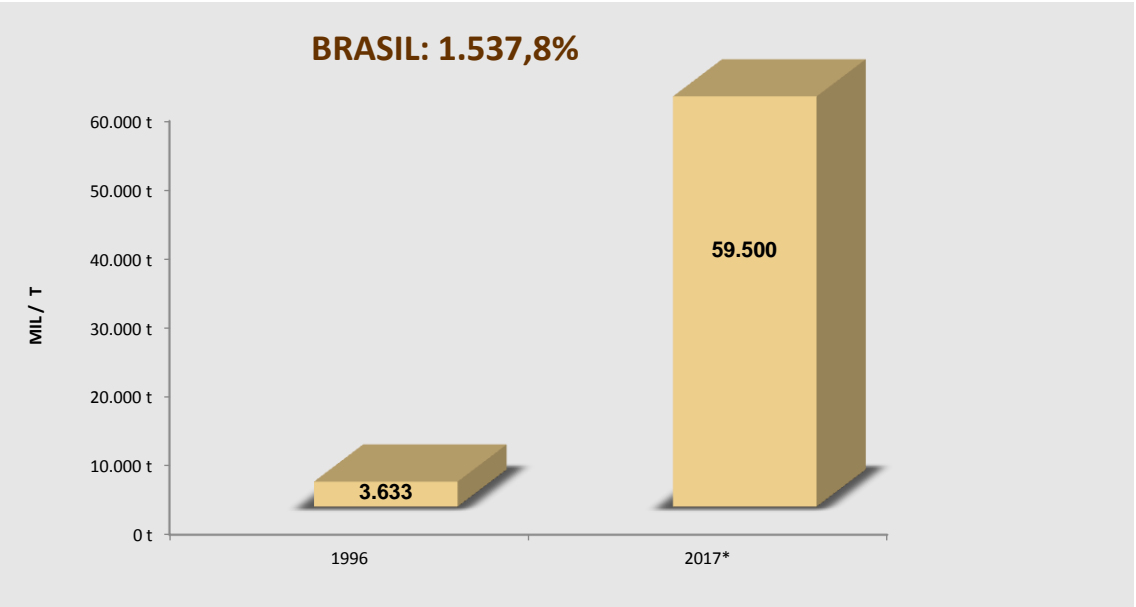
Evolução das Exportações

Brasil X Argentina



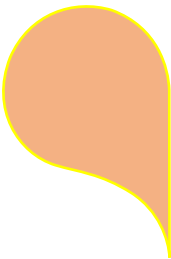
Soja em grãos

	1996	1997	2005	2006	2011	2012	2016	2017*
BRASIL	3.633	8.327	22.798	24.770	29.950	36.320	54.380	59.500
Evolução em %	0	129,2	527,5	581,8	724,4	899,7	1.396,8	1.537,8
ARGENTINA	2.014	725	10.686	7.830	9.210	7.370	9.920	9.000
Evolução em %	0	-64,0	430,6	288,8	357,3	265,9	392,6	346,9



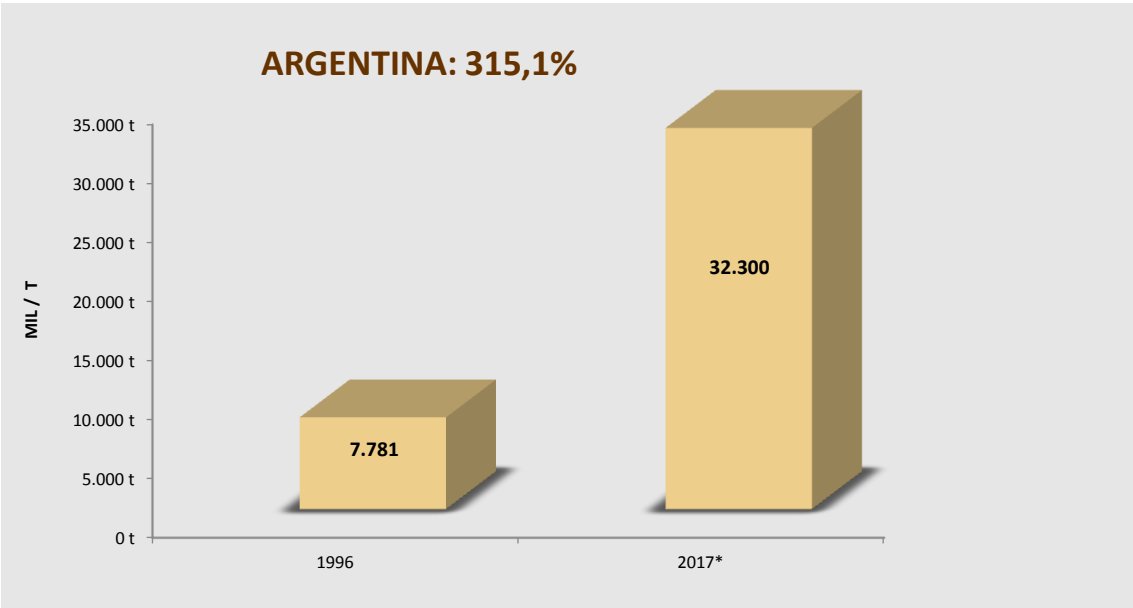
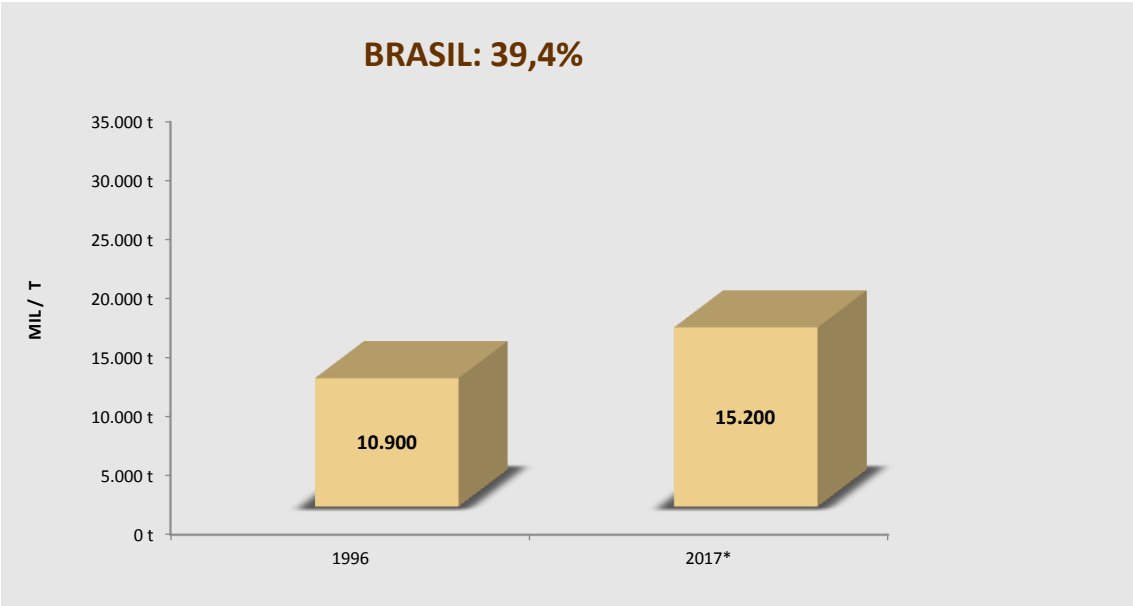
Evolução das Exportações

Brasil X Argentina



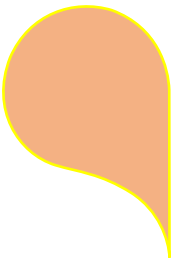
Farelo

	1996	1997	2005	2006	2011	2012	2016	2017*
BRASIL	10.900	9.841	14.225	12.560	13.990	14.680	15.407	15.200
Evolução em %	0	-9,7	30,5	15,2	28,3	34,7	41,3	39,4
ARGENTINA	7.781	8.350	22.703	24.927	27.620	26.040	30.325	32.300
Evolução em %	0	7,3	191,8	220,4	255,0	234,7	289,7	315,1



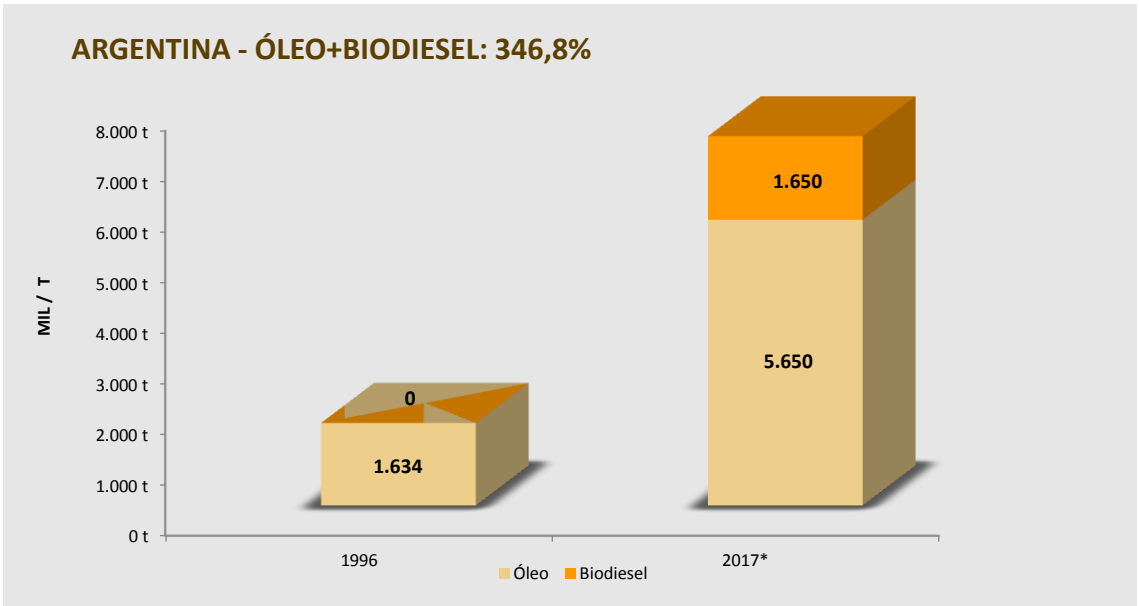
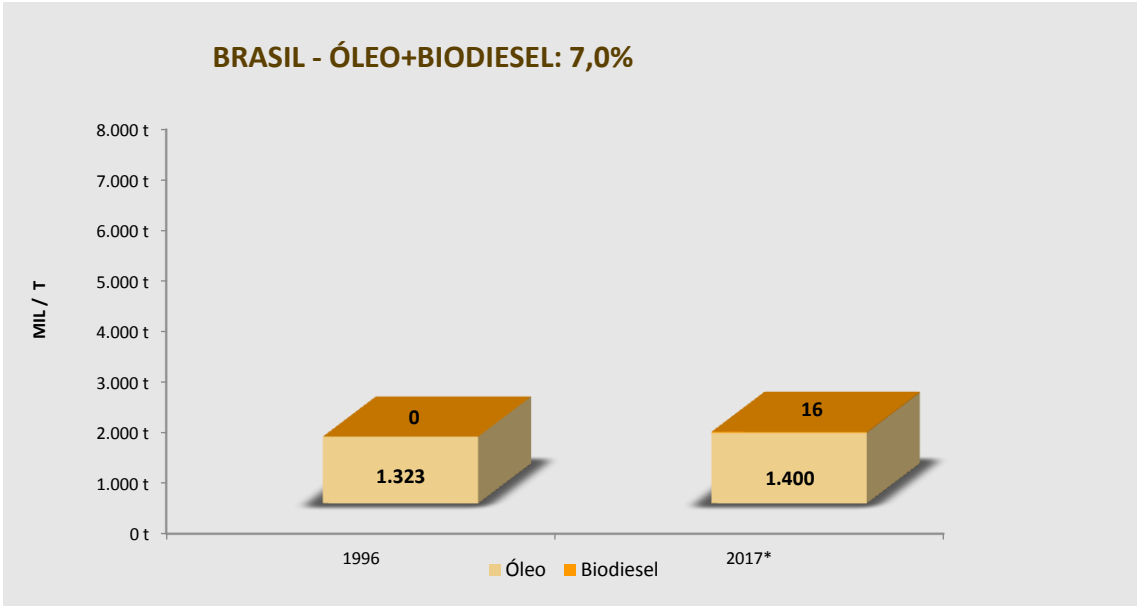
Evolução das Exportações

Brasil X Argentina



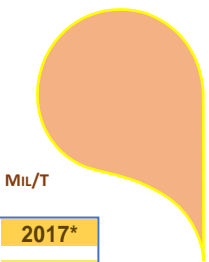
Óleo + Biodiesel

	1996	1997	2005	2006	2011	2012	2016	2017*
BRASIL	1.323	1.077	2.697	2.315	1.670	1.890	1.563	1.416
Evolução em %	0,0	-18,6	103,9	75,0	26,2	42,9	18,1	7,0
ARGENTINA	1.634	1.860	4.944	5.660	6.252	5.348	6.478	7.300
Evolução em %	0,0	13,8	202,6	246,4	282,6	227,3	296,5	346,8

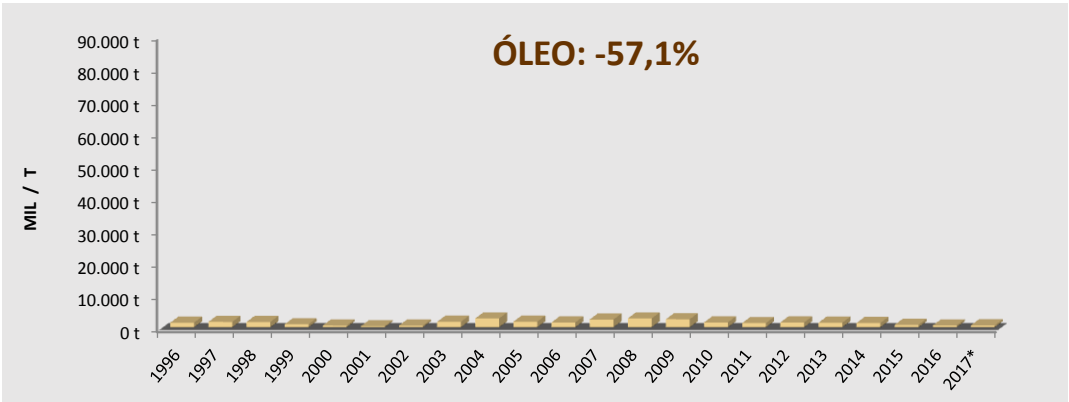
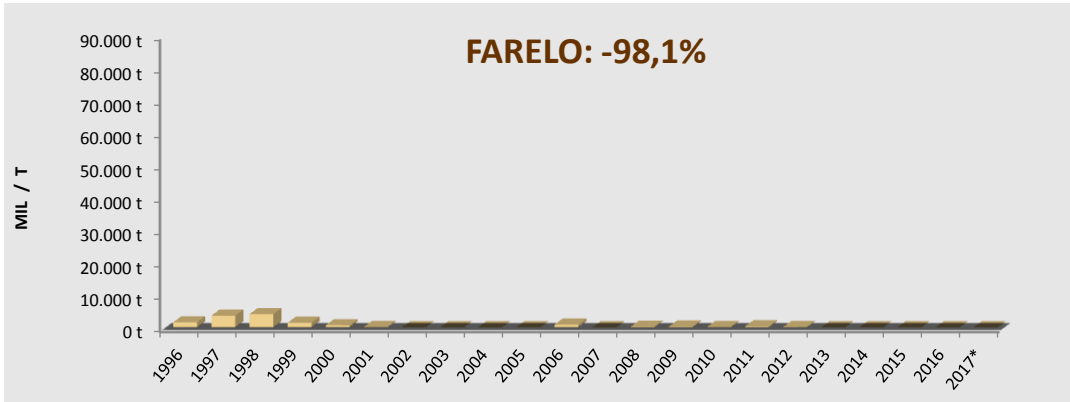
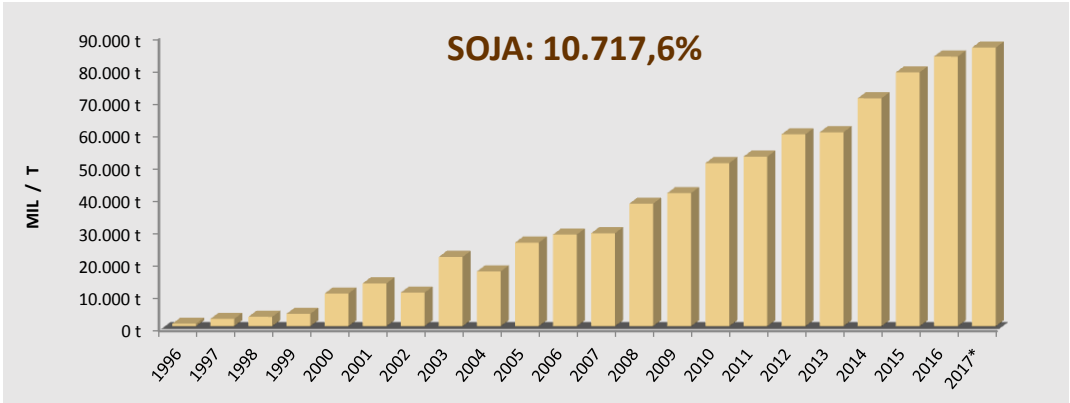


Evolução das Importações

China



	1996	1997	2005	2006	2011	2012	2016	2017*
PRODUÇÃO AGRÍCOLA	13.500	13.220	17.400	16.350	15.100	14.480	11.790	12.900
Evolução em %	0,0	-2,1	28,9	21,1	11,9	7,3	-12,7	-4,4
IMPORTAÇÃO DE SOJA	795	2.274	25.802	28.320	52.340	59.230	83.230	86.000
Evolução em %	0,0	186,0	3.145,5	3.462,3	6.483,6	7.350,3	10.369,2	10.717,6
IMPORTAÇÃO DE FARELO	1.550	3.600	50	837	294	113	24	30
Evolução em %	0,0	132,3	-96,8	-46,0	-81,0	-92,7	-98,5	-98,1
IMPORTAÇÃO DE ÓLEO	1.445	1.674	1.739	1.520	1.320	1.500	586	620
Evolução em %	0,0	15,8	20,3	5,2	-8,7	3,8	-59,4	-57,1

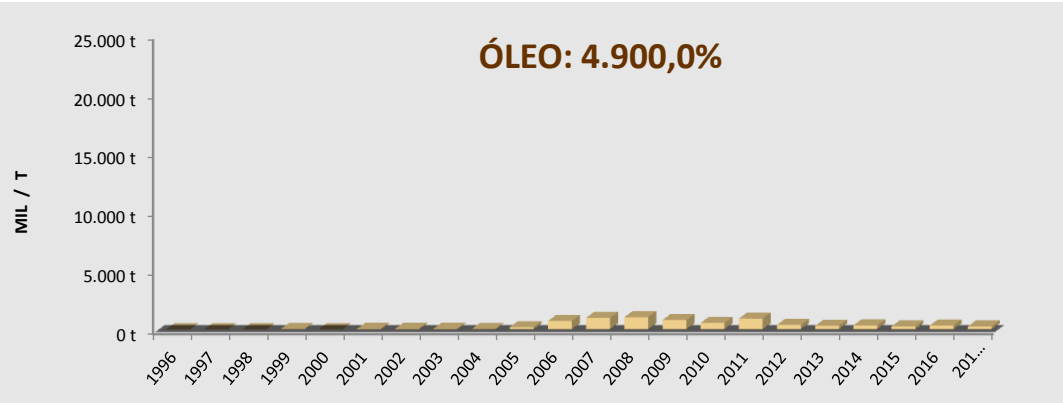
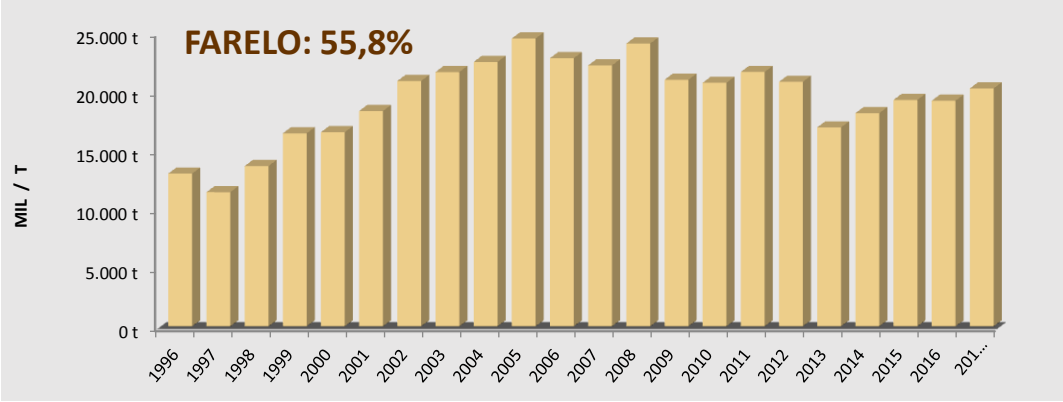
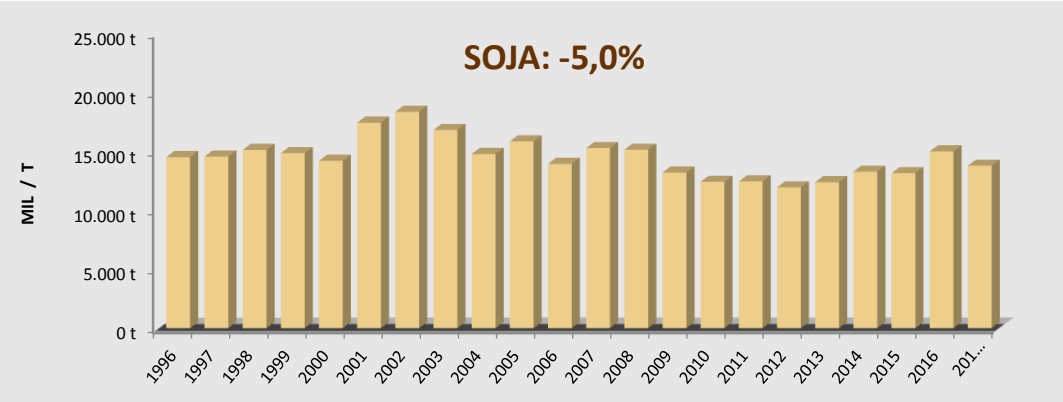


Evolução das Importações

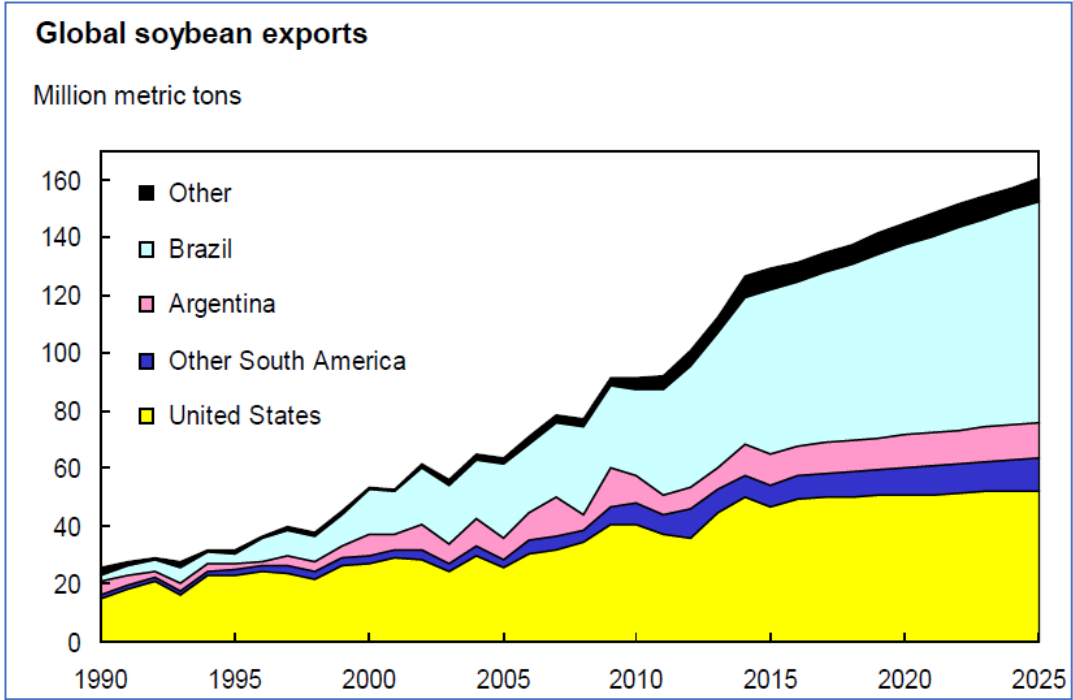
Europa

MIL/T

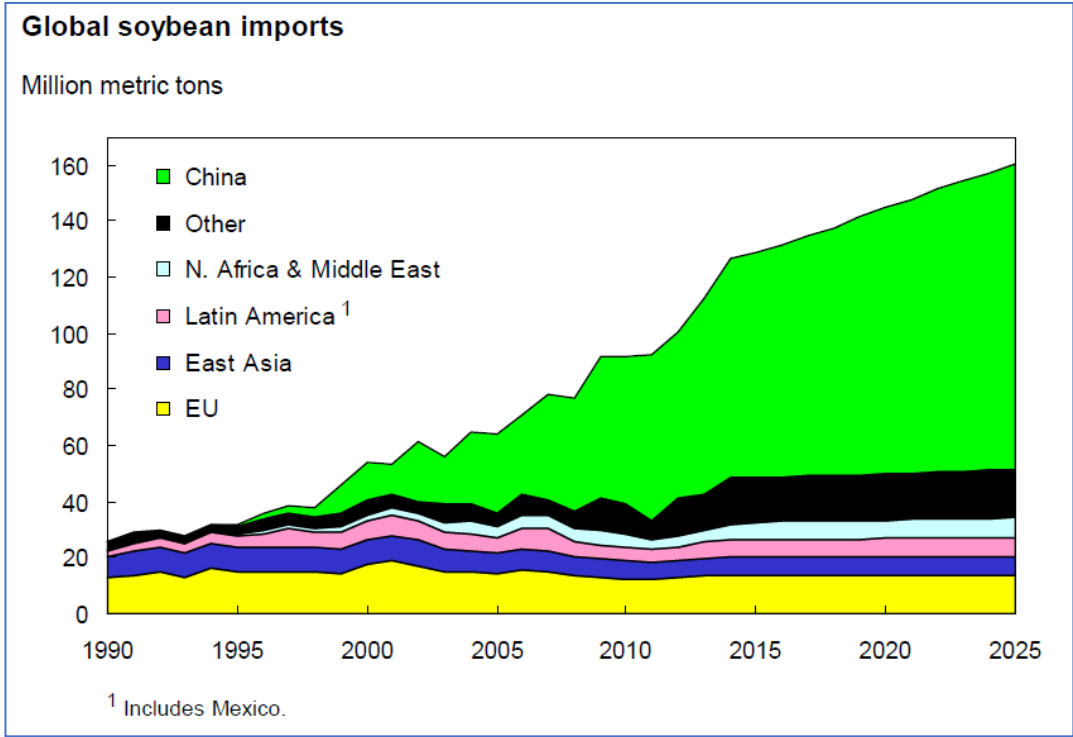
	1996	1997	2005	2006	2011	2012	2016	2017*
PRODUÇÃO AGRÍCOLA	939	1.144	800	1.174	1.090	1.290	2.260	2.420
Evolução em %	0,0	21,8	-14,8	25,0	16,1	37,4	140,7	157,7
IMPORTAÇÃO DE SOJA	14.525	14.572	15.859	13.950	12.470	11.960	15.010	13.800
Evolução em %	0,0	0,3	9,2	-4,0	-14,1	-17,7	3,3	-5,0
IMPORTAÇÃO DE FARELO	12.999	11.420	24.500	22.822	21.650	20.810	19.200	20.250
Evolução em %	0,0	-12,1	88,5	75,6	66,6	60,1	47,7	55,8
IMPORTAÇÃO DE ÓLEO	5	4	179	710	910	380	325	250
Evolução em %	0,0	-20,0	3.480,0	14.100,0	18.100,0	7.500,0	6.400,0	4.900,0



Países Exportadores de Soja



Países Importadores de Soja



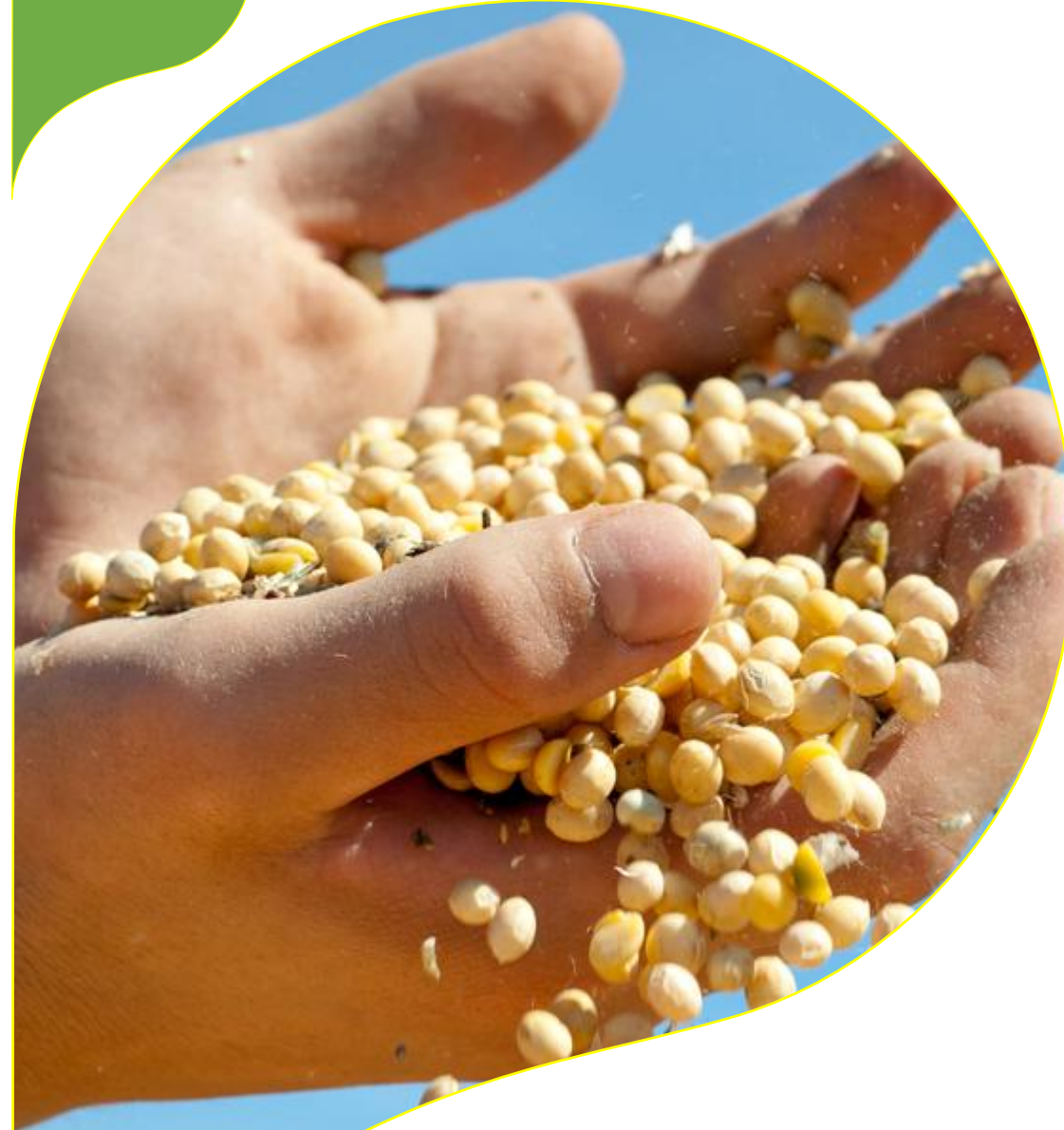
Evolução do Esmagamento
Efetivo X Produção Agrícola

MILHÕES/T

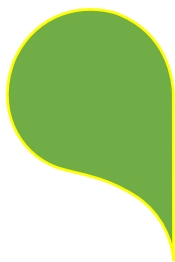
	ESMAGAMENTO - EM MILHÕES DE TONELADAS											EVOLUÇÃO EM % DE 1996 A 2017*	
	1996	1997	1998	2005	2006	2007	2011	2012	2013	2016	2017*	ESMAGAMENT O	PRODUÇÃO AGRÍCOLA
ARGENTINA	10	10	17	30	33	36	38	36	34	43	45	349%	359%
BRASIL	20	19	22	30	29	32	36	37	35	40	41	102%	331%
CHINA	7	9	11	30	35	36	55	61	65	81	87	1055%	-4%
EUA	37	39	43	46	47	49	46	45	46	51	53	41%	98%
EUROPA	14	15	15	14	14	15	12	12	13	15	15	8%	158%

FONTE: USDA – Dez/2016
* PROJEÇÃO

Brasil

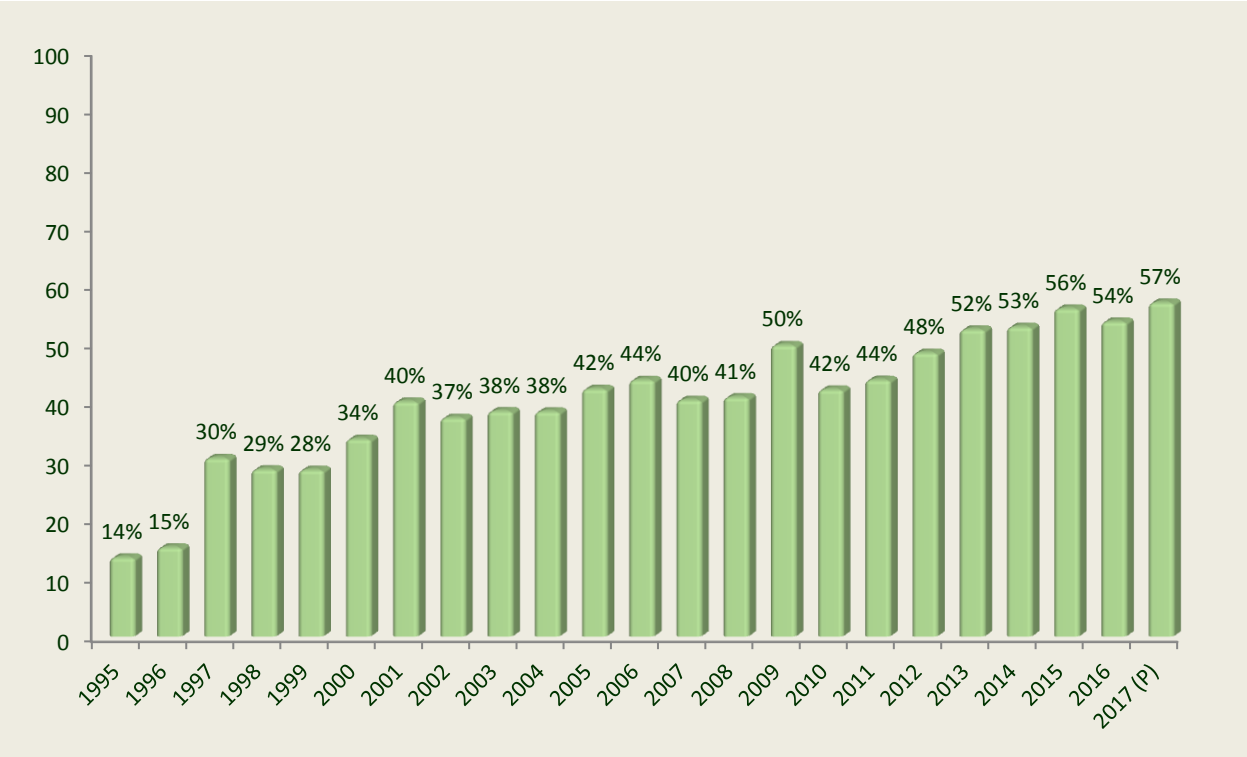


Balanço de Oferta e Demanda

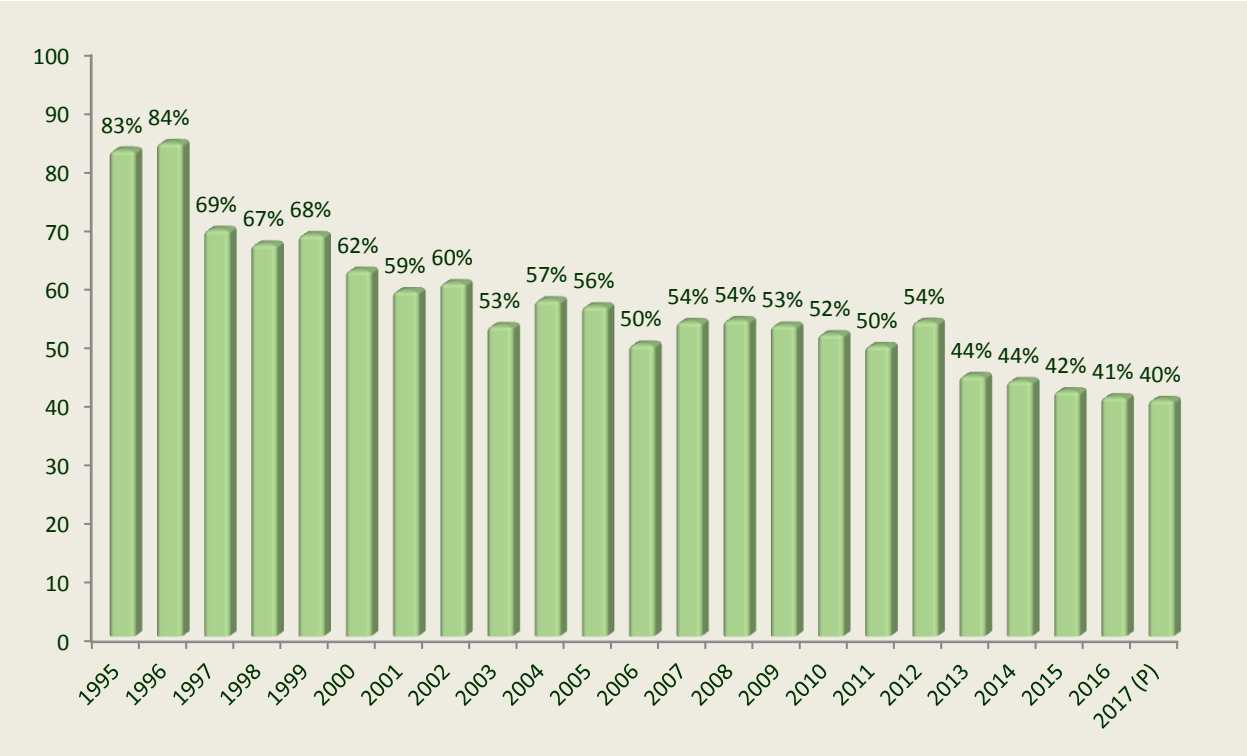


	MIL/T								
DISCRIMINAÇÃO	1996	1997	2005	2006	2011	2012	2015	2016 (E)	2017 (P)
1. SOJA									
1.1. ESTOQUE INICIAL	850	450	5.167	3.595	3.670	5.852	2.393	1.831	4.431
1.2. PRODUÇÃO	23.872	27.327	53.053	56.942	75.248	67.920	96.994	96.100	101.700
1.3. IMPORTAÇÃO	1.044	1.453	369	50	40	268	324	400	300
1.4. SEMENTES/OUTROS	1.600	1.600	2.700	2.500	2.850	2.900	3.000	3.000	3.100
1.5. EXPORTAÇÃO	3.633	8.326	22.435	24.956	32.986	32.916	54.324	51.700	58.000
% EXPORTAÇÃO S/ PRODUÇÃO AGRÍCOLA	15%	30%	42%	44%	44%	48%	56%	54%	57%
1.6. PROCESSAMENTO	20.083	18.944	29.860	28.332	37.270	36.434	40.556	39.200	41.000
% PROCESSAMENTO S/ PRODUÇÃO AGRÍCOLA	84%	69%	56%	50%	50%	54%	42%	41%	40%
1.7. ESTOQUE FINAL	450	360	3.594	4.799	5.852	1.790	1.831	4.431	4.331
2. FARELO									
2.1. ESTOQUE INICIAL	547	408	1.096	1.284	1.116	1.254	1.124	1.078	1.179
2.2. PRODUÇÃO	15.790	14.786	23.011	21.696	28.322	27.767	30.765	29.700	31.100
2.3. IMPORTAÇÃO	108	308	189	181	25	5	1	1	-
2.4. CONSUMO INTERNO	5.242	5.387	9.031	9.987	13.758	14.051	16.017	15.300	15.700
2.5. EXPORTAÇÃO	10.795	9.754	13.980	12.275	14.451	13.885	14.796	14.300	15.500
2.6. ESTOQUE FINAL	408	361	1.285	899	1.254	1.090	1.078	1.179	1.079
3. ÓLEO									
3.1. ESTOQUE INICIAL	195	164	382	365	361	391	328	242	262
3.2. PRODUÇÃO	3.785	3.559	5.736	5.429	7.340	7.013	8.074	7.800	8.100
3.3. IMPORTAÇÃO	185	154	3	25	-	1	25	70	25
3.4. CONSUMO INTERNO	2.664	2.682	3.111	3.198	5.528	5.328	6.521	6.500	6.800
3.5. EXPORTAÇÃO	1.337	1.064	2.645	2.360	1.782	1.764	1.665	1.350	1.350
3.6. ESTOQUE FINAL	164	131	365	261	391	313	241	262	237

Exportação de Soja s/ Produção Agrícola

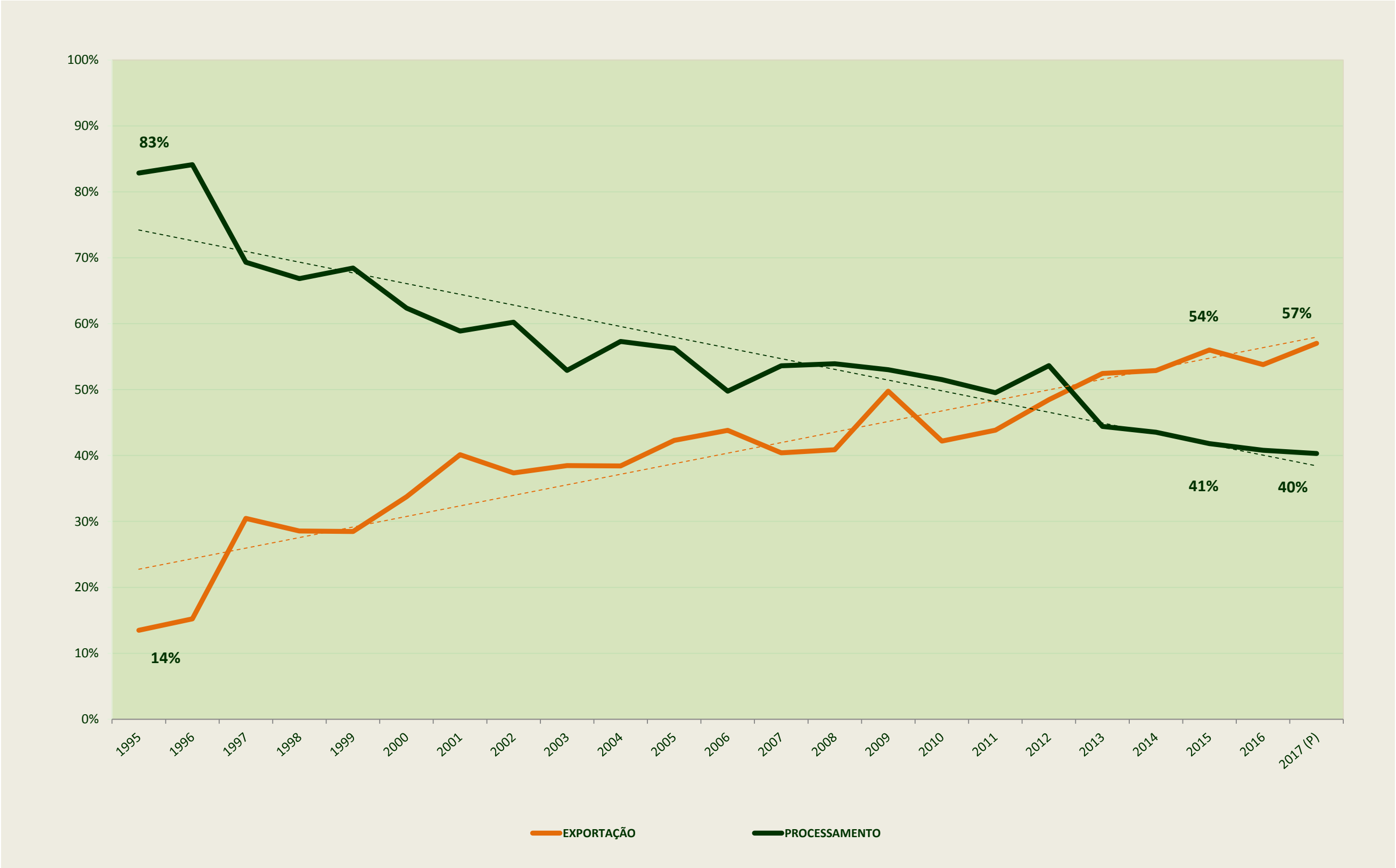
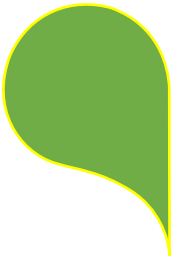


Processamento s/ Produção Agrícola



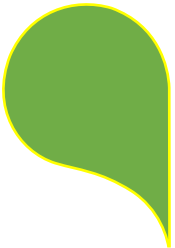
FONTE: ABIOVE – Dez/2016
(P) PREVISÃO
O VALOR REFERE-SE AOS ESTOQUES EM PODER DAS INDÚSTRIAS DE ÓLEOS VEGETAIS

Evolução das Exportações x Processamento – em % Brasil



FONTE: ABIOVE – Dez/2016
(P) PREVISÃO

Produção Agrícola e Exportações Brasileiras do Complexo Soja por Estado

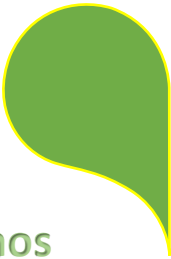


ESTADO	PRODUÇÃO AGRÍCOLA	EXPORTAÇÃO						
		SOJA			ÓLEO		FARELO	
		T	% *	US\$ FOB	T	US\$ FOB	T	US\$ FOB
AC	-	-	-	-	-	-	-	-
AL	-	2.000	-	806.860	-	-	-	-
AM	-	32.687	-	11.511.145	449	675.494	-	-
AP	-	25.694	-	10.527.622	-	-	-	-
BA	3.211.100	1.402.068	44	523.459.669	5	7.495	1.020.307	284.704.082
DF	231.000	44.660	19	16.555.037	-	-	-	-
ES	-	-	-	-	-	-	-	-
GO	10.249.500	3.549.453	35	1.299.352.533	170.624	120.925.198	1.531.653	556.617.472
MA	1.250.200	941.587	75	355.075.943	61	76.891	70.000	26.207.700
MT	26.030.700	15.222.273	58	5.605.504.505	195.156	144.393.160	4.891.086	1.886.395.563
MS	7.241.400	2.892.713	40	1.054.522.335	6.312	2.834.044	348.547	119.794.271
MG	4.731.100	2.282.177	48	838.579.202	2.656	1.969.395	151.492	79.219.884
CBORDO	-	8.068	-	2.891.285	643	785.672	-	-
PA	1.288.000	825.296	64	325.693.622	-	-	80	57.693
PE	-	-	-	-	-	-	-	-
PB	-	-	-	-	-	-	-	-
PR	16.844.500	7.972.653	47	2.953.838.407	537.787	385.416.605	3.369.058	1.163.186.265
PI	645.800	260.652	40	97.637.938	-	-	-	-
RJ	-	1	-	2	3	5.211	-	-
RS	16.201.400	9.529.690	59	3.773.669.706	285.771	198.051.912	2.511.168	886.185.161
RO	765.000	766.114	100	276.592.724	79	78.279	-	-
RR	79.200	24.659	31	10.140.139	116	133.965	-	-
SC	2.135.200	1.565.502	73	593.796.744	27.179	22.437.317	23.404	7.629.419
SE	-	-	-	-	-	-	-	-
SP	2.843.800	3.152.853	111	1.182.142.375	27.342	20.513.379	389.813	134.007.351
TO	1.686.700	1.081.074	64	399.025.467	-	-	137.183	48.775.842
TOTAL	95.434.600	51.581.874	54	19.331.323.260	1.254.183	898.304.017	14.443.791	5.192.780.703

FONTE: EXPORTAÇÃO - SECRETARIA COMÉRCIO EXTERIOR (SECEX) – MINISTÉRIO DESENVOLVIMENTO, INDÚSTRIA E COMÉRCIO
PRODUÇÃO AGRÍCOLA 2016 - CONAB
EXPORTAÇÃO: JAN A DEZ 2016
* % EXPORTADO DA PRODUÇÃO AGRÍCOLA

Processadoras de Soja

Paralisadas no Brasil



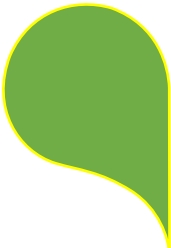
Últimos 5 anos

INDÚSTRIA	LOCAL		CAPACIDADE ESMAGAMENTO		CAPACIDADE REFINO		EMPREGOS	
	MUNICÍPIO	UF	T/DIA	T/ANO	T/DIA	T/ANO	DIRETOS	INDIRETOS
ADM	PARANAGUÁ	PR	1.200	360.000	-	-	360	3.600
ADM	TRÊS PASSOS	RS	1.000	300.000	160	48.000	600	6.000
ALGOPE	RANCHARIA	SP	1.100	330.000	-	-	330	3.300
AVIPAL	ESTRELA	RS	3.000	900.000	-	-	900	9.000
BUNGE	OURINHOS	SP	1.600	480.000	660	198.000	960	9.600
BUNGE	CUIABÁ	MT	1.800	540.000	-	-	540	5.400
BUNGE	SÃO FRANCISCO SUL	SC	1.700	510.000	-	-	510	5.100
CAMERA	SÃO LUIZ GONZAGA	RS	900	270.000	-	-	330	3.300
CAMERA	ESTRELA	RS	1.800	540.000	-	-	450	4.500
CARGILL	MAIRINQUE	SP	2.200	660.000	-	-	600	6.000
COAMO	PARANAGUÁ	PR	2.000	600.000	-	-	600	6.000
SPERAFICO	ORLÂNDIA	SP	1.300	390.000	290	87.000	780	7.800
SPERAFICO	BATAGUASSU	SP	1.500	450.000	-	-	450	4.500
SPERAFICO	PONTA GROSSA	MS	1.000	300.000	-	-	350	3.500
TOTAL	22.100	6.630.000	1.110	333.000	7.760	77.600

FONTE: ABIOVE

Balanço 2015 e 2016

Empresas do Agronegócio



EMPRESAS	2015			2016		
	Receita Líquida	Lucro Líquido	% Lucro Líquido s/ Receita Líquida	Receita Líquida	Lucro Líquido	% Lucro Líquido s/ Receita Líquida
Algar Agro	2.151,33	29,12	1,35%	2.274,85	(59,65)	-2,62%
Amaggi	12.684,78	772,93	6,09%	12.024,64	312,74	2,60%
Bianchini	3.084,95	50,77	1,65%	ND	ND	ND
Bunge	29.056,61	1.187,53	4,09%	28.758,56	995,34	3,46%
BSBios	1.884,62	(30,11)	-1,60%	ND	(41,93)	ND
Caramuru	3.335,32	24,18	0,72%	3.782,50	69,41	1,83%
Cargill	32.087,46	415,72	1,30%	32.311,52	669,51	2,07%
Coamo	10.053,82	816,03	8,12%	10.653,58	855,30	8,03%
Cocamar	3.196,02	122,43	3,83%	3.471,51	120,03	3,46%
Comigo	2.615,13	94,46	3,61%	3.605,19	101,15	2,81%
LDC - Louis Dreyfus	16.125,83	(444,06)	-2,75%	16.104,11	92,23	0,57%
Fiagril	ND	ND	ND	ND	ND	ND
Granol	3.859,09	96,08	2,49%	2.958,52	(291,81)	-9,86%
Oleoplan	1.977,32	16,85	0,85%	2.011,42	73,15	3,64%

FONTE: Diários Oficiais e Empresas
ND - Não Disponível

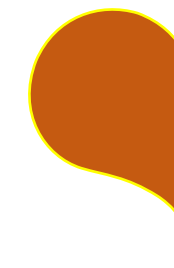
Proposta





✓ Tratamento isonômico entre as exportações de soja em grãos e de produtos industrializados, comparativamente a outros países (escalada tributária), apoiando a industrialização no Brasil :

Implantar a **Tarifa Externa Comum – TEC** no Mercosul para as exportações do complexo soja.



A Emenda Constitucional nº 33, de 11/12/2001, e as Instruções Normativas: INSS/DC nº 100, de 18/12/2003, e MPS/SRP nº 3, de 14/7/2005, desoneram a contribuição social do produtor rural - pessoa física na exportação de soja *in natura*.

Tributação

2,3% para as aquisições do grão, pela indústria, de produtor rural, pessoa física, com óleo, biodiesel e farelo destinados à exportação, **prejudicando a geração de valor agregado**.

Proposição

Tratamento isonômico entre as exportações da soja em grãos e a exportação dos produtos industrializados (farelo, óleo e biodiesel) na Contribuição Social do produtor rural, pessoa física, para reequilibrar as exportações brasileiras do “complexo soja”.

Publicações / Anexos



PORTAL

EXAME

edição 0868 – 10/05/2006

Economia

Estamos perdendo para a Argentina

O caos tributário, a infra-estrutura precária e o câmbio desfavorável estão dismantelando a produção de derivados de soja no Brasil. Sorte do nosso vizinho



AFP Photo

Porto de Buenos Aires: aumento da exportação de óleo e farelo de soja

Por Gustavo Paul

EXAME

Ao anunciar no final de abril o fechamento de duas unidades industriais de esmagamento de soja no Brasil, a multinacional Bunge Alimentos fez o que recomenda qualquer manual básico de administração: não há razão

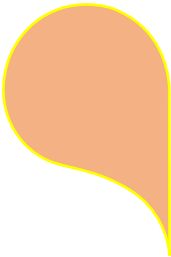
ONLINE

Valor


Argentina bate Brasil no esmagamento

Fernando Lopes
11/05/2006

Pela primeira vez desde que adquiriu a brasileira Ceval Alimentos, em 1997, e consolidou o país como sua principal base global de produção de grãos, a Bunge, multinacional com sede nos Estados Unidos, processará mais soja na Argentina do que no Brasil nesta safra 2005/06.



19/jun/2006

 Agronegócio

Argentina receberá US\$ 800 milhões

Buenos Aires, 19 de Junho de 2006 - A Aceitera General Deheza, Bunge, Cargill, Louis Dreyfus e outras empresas estão investindo perto de US\$ 800 milhões para construir portos e elevar a capacidade diária de esmagamento de soja na Argentina para cerca de 160 mil toneladas até 2007, o que representaria aumento de 21% em relação à capacidade diária atual, de 132 mil toneladas, segundo a Bolsa de Cereais de Buenos Aires.

EM JORNAL A SERVIÇO DO BRASIL

WWW.FOLHA.COM.BR

FOLHA DE S. PAULO

DOMINGO, 3 DE AGOSTO DE 2008

EDIÇÃO NACIONAL, CONCENTRADA ÀS 10H24 • R\$ 4,50

imóveis

Nome protestado não garante agilidade no pagamento de dívida

pg. 14

construção

Aspirador e luz natural ajudam a despoluir ambientes internos

pg. 15

FOLHA LANÇA COLEÇÃO DE LIVROS E CDS DE BOSSA NOVA

pg. 16

PF obteve acesso total ao registro de chamadas do país

Justiça deu senha para o monitoramento do histórico dos telefonemas; para juiz, medida exclui a escuta de conversas

Na Operação Satiagraha, que investiga Daniel Dantas, a Polícia Federal obteve acesso irreversível ao cadastro de telefones e monitorou o histórico das telefonemas, mas não a gravação da conversa, de qualquer acionante no país, informou Leonardo Sousa e Hudson Corrêa.

Essa tipo de autorização é política. A lei não prevê o acesso irreversível, mas juízes defendem a medida para agilizar a investigação. Há, porém, decisões contrárias no Tribunal Regional Federal da 3ª Região, em São Paulo, no caso de acionantes, de acordo com o juiz federal Odilon de Oliveira.

O juiz substituto Mircio Rached Miliani afirma: em despacho que a investigação não inclui a gravação de conversas telefônicas. Em sua primeira entrevista após sair da operação, o delegado Protógenes Queiroz diz que se uma minoria privilegiada tem "segurança jurídica".

Brasil

BRASIL

CHINÊS ENSINA 'CRAZY ENGLISH' AOS BERROS, PARA MULTIDÕES

pg. 18

maís!

NOVA ESQUERDA E NOVA DIREITA DUELAM PELO FUTURO NA CHINA

pg. 19

vida cotidiana

A VIDA, MODO DE USAR

Sucesso de manuais e de programas de auto-ajuda indica problemas nas relações pessoais e familiares, afirmam especialistas.

pg. 23

dinheiro

COM TERNURA

Feminidade tempo-pe valorizada no mundo corporativo à medida que mulheres deixam de se espelhar nos homens e buscam a cargo de comando, como Nadir Marinho, presidente da UFS no Brasil.

pg. 24

monica bergamo

ESPERA CHIQUE

Enfrentar filas tornou-se rotina entre os mais abastados, que aguardam para comprar desde jatos de US\$ 60 milhões até Chanel.

pg. 22

EDITORIAIS

pg. 27

ATMOSFERA

pg. 28

BRASIL

pg. 29

INTERNACIONAL

pg. 30

OPINIÃO

pg. 31

ESPECIAL

pg. 32

CLASSIFICAÇÃO

pg. 33

CLASSIFICAÇÃO

pg. 34

CLASSIFICAÇÃO

pg. 35

CLASSIFICAÇÃO

pg. 36

CLASSIFICAÇÃO

pg. 37

CLASSIFICAÇÃO

pg. 38

CLASSIFICAÇÃO

pg. 39

CLASSIFICAÇÃO

pg. 40

CLASSIFICAÇÃO

pg. 41

CLASSIFICAÇÃO

pg. 42

CLASSIFICAÇÃO

pg. 43

CLASSIFICAÇÃO

pg. 44

CLASSIFICAÇÃO

pg. 45

CLASSIFICAÇÃO

pg. 46

CLASSIFICAÇÃO

pg. 47

CLASSIFICAÇÃO

pg. 48

CLASSIFICAÇÃO

pg. 49

CLASSIFICAÇÃO

pg. 50

CLASSIFICAÇÃO

pg. 51

CLASSIFICAÇÃO

pg. 52

CLASSIFICAÇÃO

pg. 53

CLASSIFICAÇÃO

pg. 54

CLASSIFICAÇÃO

pg. 55

CLASSIFICAÇÃO

pg. 56

CLASSIFICAÇÃO

pg. 57

CLASSIFICAÇÃO

pg. 58

CLASSIFICAÇÃO

pg. 59

CLASSIFICAÇÃO

pg. 60

CLASSIFICAÇÃO

pg. 61

CLASSIFICAÇÃO

pg. 62

CLASSIFICAÇÃO

pg. 63

CLASSIFICAÇÃO

pg. 64

CLASSIFICAÇÃO

pg. 65

CLASSIFICAÇÃO

pg. 66

CLASSIFICAÇÃO

pg. 67

CLASSIFICAÇÃO

pg. 68

CLASSIFICAÇÃO

pg. 69

CLASSIFICAÇÃO

pg. 70

CLASSIFICAÇÃO

pg. 71

CLASSIFICAÇÃO

pg. 72

CLASSIFICAÇÃO

pg. 73

CLASSIFICAÇÃO

pg. 74

CLASSIFICAÇÃO

pg. 75

CLASSIFICAÇÃO

pg. 76

CLASSIFICAÇÃO

pg. 77

CLASSIFICAÇÃO

pg. 78

CLASSIFICAÇÃO

pg. 79

CLASSIFICAÇÃO

pg. 80

CLASSIFICAÇÃO

pg. 81

CLASSIFICAÇÃO

pg. 82

CLASSIFICAÇÃO

pg. 83

CLASSIFICAÇÃO

pg. 84

CLASSIFICAÇÃO

pg. 85

CLASSIFICAÇÃO

pg. 86

CLASSIFICAÇÃO

pg. 87

CLASSIFICAÇÃO

pg. 88

CLASSIFICAÇÃO

pg. 89

CLASSIFICAÇÃO

pg. 90

CLASSIFICAÇÃO

pg. 91

CLASSIFICAÇÃO

pg. 92

CLASSIFICAÇÃO

pg. 93

CLASSIFICAÇÃO

pg. 94

CLASSIFICAÇÃO

pg. 95

CLASSIFICAÇÃO

pg. 96

CLASSIFICAÇÃO

pg. 97

CLASSIFICAÇÃO

pg. 98

CLASSIFICAÇÃO

pg. 99

CLASSIFICAÇÃO

pg. 100

03/ago/2008

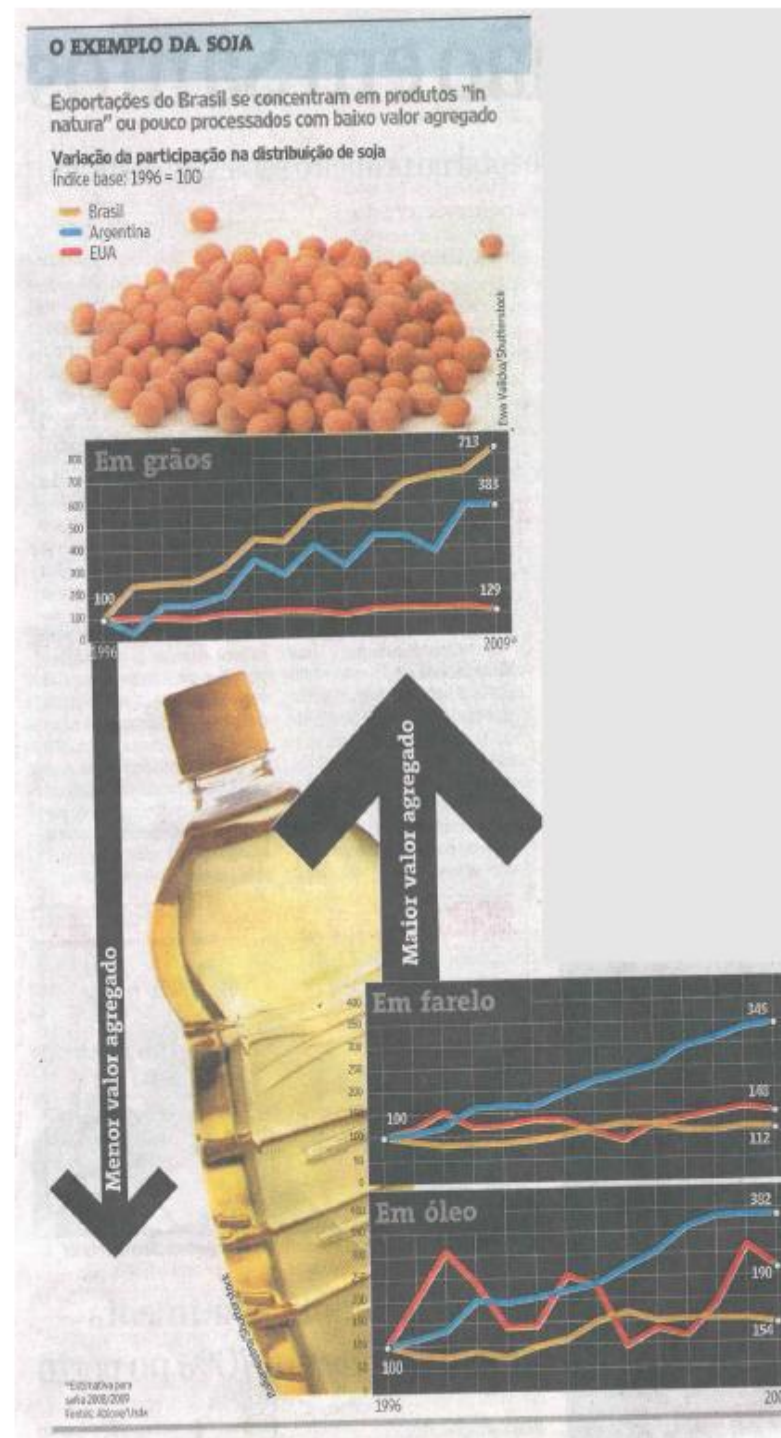
País desperdiça chance de industrializar exportações

Especialistas e membros do governo acham que Brasil está perdendo a chance de dar um salto de qualidade em suas exportações, relata **Mauro Zafalon**. Com receitas de US\$ 400 bilhões desde 1998, o país é o líder mundial na exportação de produtos agropecuários, mas ainda não consegue industrializar commodities.

Essa incapacidade reduz as vendas e barra investimentos e empregos de melhor qualidade. Real valorizado, custos de infraestrutura, deficiências na logística e barreiras nos mercados importadores são os entraves para a produção de industrializados, colocando o Brasil na contramão de países como a China.

Pág. B1

FOLHA DE S.PAULO



Caderno Dinheiro
Pág. B3
03/ago/2008



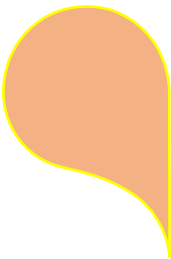
Exportação de básicos cresce ainda mais

Marta Watanabe

De São Paulo

As commodities não só aumentaram sua importância na pauta de exportações brasileiras como também passaram por um processo de maior “empobrecimento” nos últimos anos. Aprofundou-se a tendência de o Brasil exportar mais produtos básicos e menos itens industrializados. O fenômeno é evidente no grupo dos cinco produtos mais importantes da pauta — minério de ferro, petróleo, soja, açúcar e café.

Dentro de cada um desses grupos, os embarques dos produtos mais básicos cresceram em ritmo mais acelerado do que aqueles com maior valor agregado. No complexo soja, por exemplo, a exportação do grão avançou muito mais rapidamente que os embarques de farelo e óleo. **Página A5**



'Básico do básico' ganha espaço na exportação

Por **Marta Watanabe** | De São Paulo

As commodities vendidas ao exterior não só avançaram de 65% em 2009 para os atuais 70% de participação na exportação brasileira como também passaram por um processo de maior "empobrecimento". O fenômeno é evidente no grupo dos cinco produtos mais importantes da pauta de exportação brasileira - minério de ferro, petróleo, soja, açúcar e café. Dentro de cada um desses grupos, os embarques dos produtos mais básicos cresceram em ritmo mais acelerado do que aqueles com maior valor agregado.

Dentro do complexo soja, por exemplo, a exportação do grão avançou desde 2005 muito mais que rapidamente que os embarques de farelo e óleo. De janeiro a novembro do ano passado, a soja em grão representou 68% dos US\$ 22,97 bilhões exportados com o

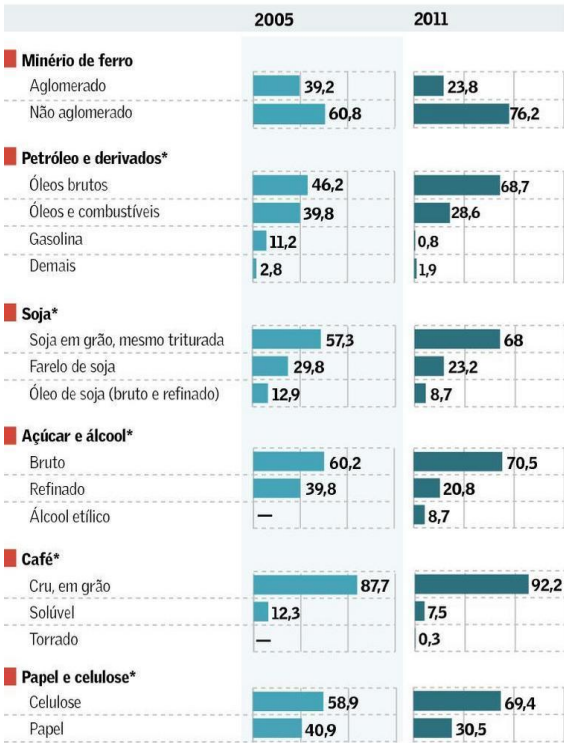
produto e seus derivados. Nos mesmos meses de 2005, essa fatia era de 57,3%. Há seis anos, a venda ao exterior de farelo de soja equivalia a pouco mais da metade da soja em grão exportada. No ano passado, essa participação caiu para 34,14%.

Em 2005, o minério de ferro aglomerado representava 39,2% do minério de ferro total exportado pelo Brasil. O valor embarcado de minério de ferro teve forte elevação no ano passado, mas a versão não aglomerada, que é mais bruta, avançou muito mais que o minério aglomerado, cuja participação caiu em 2011 para 23,8% do total exportado do produto. O não aglomerado avançou, no período, de 60,8% para 76,2%. Os dados são do Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio (Mdic).

No grupo do açúcar, os produtos mais industrializados também perderam espaço. De janeiro a novembro de 2005, o açúcar refinado representava 39,8% do valor total embarcado do grupo. No mesmo período do ano passado, a

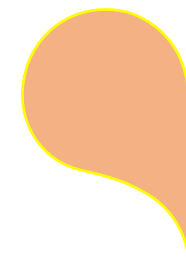
Menor valor agregado

Participação nos grupos de produtos mais exportados - em %



Fonte: Mdic. *Janeiro a novembro

participação caiu para 20,8%. A boa notícia é que o álcool etílico passou a integrar o grupo no decorrer dos últimos anos, assumindo fatia de 8,7% do total embarcado no ano passado. Mesmo assim, o açúcar bruto, menos processado que a versão refinada, elevou sua representatividade de 60,2% em 2005 para 70,5% do total exportado dentro do grupo de açúcar e álcool no ano passado.



Para o economista Fabio Silveira, sócio da RC Consultores, os exemplos revelam que a perda de competitividade em razão do custo elevado de industrialização atinge não só os manufaturados mais sofisticados, mas também as cadeias produtivas mais curtas. "Há um estreitamento do número de bens exportados acompanhada da redução de patamar tecnológico", diz ele. Quanto mais longa a cadeia produtiva, explica o economista, mais representativa a carga tributária e mais pesado o custo financeiro e o volume de encargos trabalhistas.

Fabio Trigueirinho, secretário-geral da Associação Brasileira das Indústrias de Óleos Vegetais (Abiove), explica que um dos desafios da produção brasileira de soja é conseguir exportar não só o grão, mas também os derivados, que têm maior agregação de valor.

O desafio esbarra em políticas protecionistas no destino. A China, parceiro mais importante na venda ao exterior da soja brasileira, diz Trigueirinho, aplica tarifas mais elevadas para os desembarques de farelo e óleo do que para a soja em grão. O problema, porém, não está somente na ponta do desembarque.

"Os argentinos conseguem exportar uma proporção maior de farelo e óleo de soja", lembra José Augusto de Castro, presidente em exercício da Associação de Comércio Exterior do Brasil (AEB). No Brasil, a soja em grão significa 68% do total exportado dentro do complexo soja. O farelo representa 23,2% e o óleo, 8,7%. Na exportação argentina do complexo soja entre janeiro e agosto de 2011, 48,6% foram de farinha. Tanto o óleo quanto o grão ficaram com uma fatia próxima a 26% cada um.

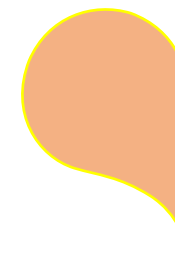
A carga tributária é a maior variável que diferencia as condições de produção entre o Brasil e o país vizinho, diz Trigueirinho. O principal problema é com o Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Serviços (ICMS). O tributo pesa mais quando há algum processo de industrialização, principalmente quando se trata de exportação.

Se é produzida num Estado e vendida desse local diretamente ao exterior, sem processamento, em grão ou apenas triturada, a soja fica livre do ICMS, porque na operação de venda ao exterior o imposto não é cobrado.

O problema é quando a soja produzida no Mato Grosso, por exemplo, é vendida para ser beneficiada em outro Estado. Nessa operação o grão é tributado com 12% de ICMS. Depois de virar farelo ou óleo, o produto fica livre de imposto na operação de exportação. Teoricamente a indústria fica com o crédito do imposto. Ou seja, os 12% de imposto pagos seriam ressarcidos ao exportador.

Isso, porém, não acontece na prática. O imposto poderia ser compensado com o ICMS devido nas operações internas, mas as indústrias não possuem vendas domésticas suficientes para utilizar todo o crédito ou as operações internas são espalhadas por todo o Brasil. Poucas são no Mato Grosso - continuando com o mesmo exemplo dado -, Estado no qual está o crédito de ICMS.

O crédito não recuperado significa custo definitivo. "Na verdade, a margem permitida pelo maior valor agregado com a industrialização da soja não compensa esse custo", diz Trigueirinho. Na Argentina, diz, há uma política de apoio à exportação, cuja produção conta com tributação mais favorável e subsídio na aquisição de energia.



O sistema brasileiro de impostos faz o contrário: estimula a exportação da matéria-prima e não do manufaturado. E o ICMS é apenas um exemplo. Há dificuldade com outras contribuições federais, como Funrural, PIS e Cofins, lembra Trigueirinho. Resultado: o Brasil é o segundo produtor de soja e apenas o quarto processador do grão no mundo.

A soja é apenas um exemplo dos efeitos do imposto para a industrialização de produtos básicos, diz Castro. O problema se repete nas demais commodities. Para alguns grupos de produtos, lembra ele, é possível que o Brasil não tenha capacidade de produção industrial e, por isso, o produto mais bruto ganhe espaço na exportação em ritmo mais acelerado.

Ele dá como exemplo o setor de celulose e papel. Dentro desse grupo, a celulose avançou de 58,9% das exportações do setor para 69,4%. O papel recuou de 40,9% para 30,5%. "O Brasil tem atraído muito mais investimentos em celulose do que em papel", diz Castro. Mas talvez, afirma, isso também seja resultado de uma política que acaba desestimulando a industrialização, principalmente quando o objetivo é a exportação.

Silveira lembra que a taxa de câmbio também contribuiu nos últimos anos para tornar a exportação menos rentável. A valorização do real frente ao dólar fez a pressão dos custos em moeda nacional ser maior, diz, agravando problemas estruturais nos custos de produção.

A solução, porém, não está simplesmente no câmbio, segundo Silveira. "Precisamos da coordenação e definição de uma política industrial mais ambiciosa, capaz de tornar a produção nacional mais competitiva."

Quinta-feira
12 de janeiro de 2012

Lei de portos desestimula exportação de farelo de soja—Cargill

terça-feira, 29 de outubro de 2013 17:38 BRST

Por Gustavo Bonato

SÃO PAULO, 29 Out (Reuters) - O novo modelo de concessões portuárias que começa a ser implantado pelo governo brasileiro desestimula as exportações de farelo e óleo de soja --produtos de maior valor agregado que a soja-- e favorecem apenas a criação de terminais para exportação do grão.

A afirmação é do executivo responsável pela segunda maior operação de soja do Brasil, da Cargill.

O modelo de concessão dos terminais "é contra a indústria", o que acrescenta mais um item para a lista de entraves que assolam o setor de esmagamento da oleaginosa no país, alertou o diretor de grãos e processamento de soja no Brasil da gigante norte-americana, Paulo Sousa, em entrevista à Reuters.

As licitações e relicações que estão sendo organizadas pelo governo têm como critério principal a maior movimentação de cargas pelo menor preço. Na avaliação de Sousa, o farelo, que é mais leve que o grão, vai ser preterido pelas empresas que se candidatarem aos terminais.

Uma mesma correia de carregamento, operando em um mesmo período de tempo, consegue colocar dentro do navio uma tonelagem de grãos duas vezes maior de que de farelo, explicou.

"Um porto, movimentando farelo, vai render menos", declarou.

O farelo de soja, importante ingrediente da ração de frangos e suínos, é o produto do esmagamento da soja, que também resulta em óleo.

A Cargill está de olho no assunto, entre outros motivos, porque terá um de seus terminais --onde opera há quase 40 anos-- relitado pelo governo. Será o terminal de Paranaguá (PR), que deve ser alvo, junto com outros no mesmo porto, de licitação nos próximos meses.

A empresa está confiante, no entanto, de que apresentará proposta com boas chances de vitória.

"A parte boa da Lei dos Portos é que ela favorece quem tem volume. E isso a gente tem bastante. Temos alta competitividade."

O terminal de Paranaguá opera exportando farelo e óleo produzidos em uma unidade de esmagamento em Ponta Grossa, cidade pólo do agronegócio paranaense, a apenas 200 km do litoral.

É uma das seis unidades de processamento que a Cargill tem no país.

A mais recente foi inaugurada há quatro anos, em Primavera do Leste (MT).

A empresa não revela planos para novas fábricas de esmagamento de soja, mas está ampliando a produção nas unidades de Itumbiara (GO) e Mairinque (SP), que atuam na ponta final da cadeia, transformando o óleo de soja bruto em óleo refinado para uso doméstico e em gorduras para a indústria alimentícia. As obras deverão custar 52 milhões de reais e ser finalizadas no primeiro semestre de 2014.

TRIBUTOS

Segundo a Abiove, associação que reúne as empresas de óleos vegetais e grandes exportadoras de soja, há 107 unidades de esmagamento de soja no país: 89 ativas e 18 paradas. Existe apenas um projeto de construção anunciado para uma nova fábrica e dois projetos de ampliação de capacidade de processamento, mas sem garantias de que os investimentos serão concretizados.

Sem grandes acréscimos à capacidade de esmagamento, pela primeira vez na história em 2013 o Brasil exportará mais soja do que processará internamente.

"A produção agrícola cresce bem mais do que nossa própria capacidade de produção (industrial)", lembra Sousa.

Enquanto a soja em grãos sai do país sem incidência de ICMS, Funrural e PIS/Cofins --graças à Lei Kandir, de 1996--, os produtos processados acabam enroscados numa complexa rede de tributos.

A mais recente complicação surgiu em março, quando a presidente Dilma Rousseff extinguiu a cobrança de PIS/Confins incidente sobre o óleo de soja, tentando baratear a cesta básica. O problema é que era justamente por meio desses impostos que as indústrias "escoavam" um série de créditos tributários obtidos com a compra de soja in natura.

"A indústria continua não tendo como gastar esse crédito. Ainda não tem como virar um benefício de verdade. Para algumas empresas, virou um estorvo. Tem concorrentes nossos em situação bem complicada", disse Paulo Sousa. "A preocupação maior do setor brasileiro de esmagamento de soja é como lidar com os créditos tributários."

Um novo sistema, que prevê a geração de créditos, não mais pela compra da soja, mas pelo volume esmagado, está em vigor há menos de um mês, mas o executivo da Cargill disse que ainda é muito cedo para avaliar como será o impacto para os livros de contabilidade das empresas.

CUSTO BRASIL

O emaranhado de tributos que dificulta a vida dos esmagadores de soja soma-se também a custos que são velhos conhecidos de todo o setor industrial brasileiro. Um deles é a mão de obra, considerada cara. Outro é o custo de energia.

Segundo Paulo Sousa, a energia corresponde a 70 por cento dos custos variáveis (que não incluem mão de obra, financiamentos, depreciação ou compra de matérias-primas e logística).

A opção de muitas indústrias, segundo Sousa, é verticalizar a produção de energia, plantando e colhendo eucaliptos, para queimar nas caldeiras, por exemplo. Comprar energia elétrica da rede ou usar óleo combustível tornaria as operações inviáveis.

O executivo lembrou que países concorrentes do Brasil na exportação de farelo e óleo, como Estados Unidos e Argentina têm, historicamente, acesso a energia mais barata. Nos EUA, a energia elétrica é a metade do preço, e a térmica um terço do preço, com a colaboração do abundante gás de xisto. Na Argentina, há até pouco tempo, o gás para as usinas era subsidiado.

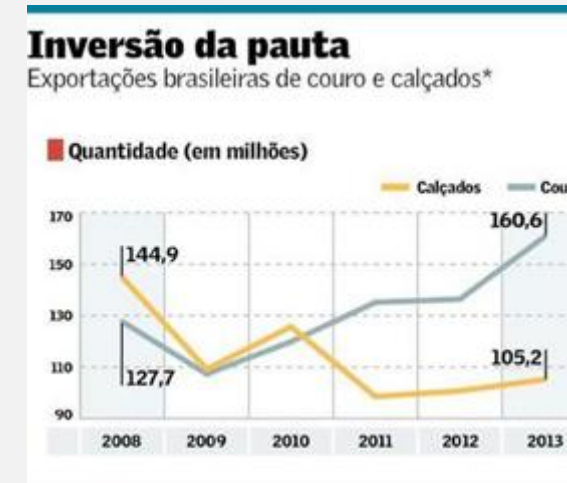
"Regra geral, a gente depende da desgraça dos outros. Para o negócio de esmagamento de soja no Brasil ser competitivo, temos que ter algum problema climático em algum lugar que compete com o Brasil", disse Sousa.

27/11/2013

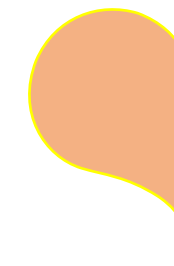
Com ajuda brasileira, China sofisticada produção

Por **Camilla Veras Mota** | De São Paulo

O diretor da Associação Brasileira dos Químicos e Técnicos da Indústria do Couro (Abqtic), Etevaldo Zilli, foi um dos milhares de brasileiros que, no começo dos anos 1990, foi à China como contratado da então embrionária indústria calçadista local. Ao contrário de muitos, ele não foi para ficar, apenas para prestar consultoria a algumas empresas. "Praticamente não se trabalhava com couro lá. Só se usava material sintético. Os sapatos custavam US\$ 2, US\$ 3", lembra. Nos últimos 20 anos, porém, a mão de obra qualificada que migrou do Brasil, dos Estados Unidos e da Itália para o polo calçadista de Dongguan - que abriga atualmente mais de três mil brasileiros - promoveu uma mudança estrutural importante no setor.



Os calçados mais baratos continuam sendo produzidos, mas agora eles dividem espaço com peças de maior valor agregado, feitos especialmente em couro. A segunda geração de brasileiros que trabalha na indústria de calçados chinesa presta serviços principalmente para marcas internacionais. A filha de Zilli, por exemplo, trabalha há cinco anos como especialista em couro na China, atualmente para uma marca americana que vende botas estilo cowboy que não saem por menos de US\$ 200 ao consumidor final. A sofisticação da indústria calçadista chinesa e o encolhimento do setor no Brasil, contudo, têm impactos na economia brasileira que vão além da migração de uma segunda geração de brasileiros. Ela reforçou mais um caso de "primarização" da pauta de exportações, com impactos diretos no segmento de couro.



Na contramão do desempenho das exportações da indústria calçadista, as vendas de couro para o exterior aumentaram de forma significativa nos últimos anos. No acumulado entre janeiro e outubro deste ano, o comércio de couro brasileiro com outros países movimentou US\$ 2,1 bilhões, aproximadamente 23,5% mais do que no mesmo período de 2008. Em quantidade, o avanço foi ainda maior, de 25,8%. As exportações de calçados, por outro lado, diminuíram 41,2% em valor nesse intervalo (para US\$ 1 bilhão entre janeiro e outubro) e 27,4% em quantum. Os dados foram obtidos na Secretaria de Comércio Exterior (Secex).

Em 2012, a China ultrapassou a Itália - cliente histórico do curtume brasileiro - e se tornou o maior comprador de couro do país. A nação asiática foi o destino de quase 25% do total exportado, em valor, pelo setor entre janeiro e outubro deste ano. José Fernando Bello, presidente do Centro das Indústrias de Curtume do Brasil (CICB), afirma que a expectativa para este ano é que 75% do couro produzido no país seja exportado, contra 70% no ano passado e 40% em 2003. Também contribui para esse quadro, ressalta, o uso cada vez mais intensivo de material sintético na produção de calçados esportivos e femininos no Brasil. A inversão na pauta brasileira de exportação - mais couro e menos calçados, proporcionalmente -, explica o economista Fabio Silveira, da GO Associados, caracteriza mais um caso de primarização da pauta brasileira de exportações - quando commodities e produtos de menor valor agregado ganham cada vez mais relevância na balança comercial, em parte em detrimento do produto doméstico de maior valor agregado. "Esse é um tipo de desindustrialização flagrante", pondera.

Ele chama atenção para a mudança na composição do superávit da balança do setor de couro e calçados. De US\$ 1,950 bilhão de dólares em 1997, o saldo anual subiu para US\$ 2,3 bilhões em 2012. Naquela época, o resultado do segmento de calçados era responsável por 70% do total, e o ramo de couro respondia pelo restante. Em 2012, o percentual de calçados recuou para 44,6%. Entre janeiro e setembro deste ano, a quantidade de pares exportados pelo Brasil para os Estados Unidos, um mercado que passou a comprar bastante da indústria calçadista chinesa e é ainda o maior importador de produtos do setor no Brasil, foi 21,4% menor do que no mesmo período do ano anterior. Em valor, a retração foi um pouco menor, de 9%.

A situação se repete nas trocas com países como França (-25,7% em pares e -9,3% em valor), Reino Unido (-39,2% e -31,3%) e Alemanha (-23,9% e -24,3%) e são as maiores quedas registradas pelo levantamento da Associação Brasileira das Indústrias de Calçados (Abicalçados). Em 2012, as vendas aos Estados Unidos ainda cresceram em pares - 9,2% -, mas diminuíram 16,2% em valor.

Cresce ociosidade de indústrias de soja no Brasil

segunda-feira, 9 de dezembro de 2013 16:39 BRST

Por Gustavo Bonato

A ociosidade das indústrias de esmagamento de soja do Brasil cresceu em 2013 ante 2012, com um pequeno aumento da capacidade instalada e uma redução do volume processado, disse a Abiove, entidade que reúne as grandes empresas do setor.

A associação projeta que serão processadas 35,4 milhões de toneladas da oleaginosa em 2013, o que representa um uso de 60,3 por cento da capacidade instalada.

Em 2012, quando a capacidade era um pouco menor, as indústrias esmagaram 36,4 milhões de toneladas, equivalentes a 63,7 por cento da capacidade instalada. "É por conta principalmente da tributação", disse à Reuters o gerente de economia da Abiove, Daniel Furlan Amaral.

Segundo ele, a estrutura tributária sobre o setor desestimula investimentos em novas plantas e incentiva que as empresas vendam o grão sem processamento. O principal entrave é o sistema do PIS e da Cofins, afirma o executivo.

A empresa paga PIS/Cofins na aquisição da soja para o esmagamento, gera créditos tributários proporcionais, mas tem poucas opções para usar esses créditos. A maior parte dos produtos processados é desonerada, incluindo o óleo de soja.

"Como já não tem mais operações tributadas, você fica com um crédito que praticamente não tem como ser usado. A solução seria a indústria ser ressarcida em dinheiro", disse Amaral.

Dos cerca de 40 por cento de ociosidade nas indústrias este ano, cerca de 10 pontos percentuais são de fábricas paralisadas e 30 pontos de capacidade não utilizada em indústrias em operação, analisou Amaral.

Ante 2012, a capacidade instalada no país cresceu basicamente em Mato Grosso em 2013. O Estado registrou aumento de 9 por cento da capacidade instalada, recuperando do Paraná o posto de maior processador de soja do país.

"Às vezes é uma decisão (de aumento de capacidade) que foi feita lá atrás. Hoje em dia não teria atratividade. Não estamos vendo movimentos de investimentos", afirmou o gerente da Abiove sobre a ampliação da capacidade.

Entre as principais associadas da Abiove estão gigantes do agronegócio como ADM, Bunge, Cargill e Louis Dreyfus .

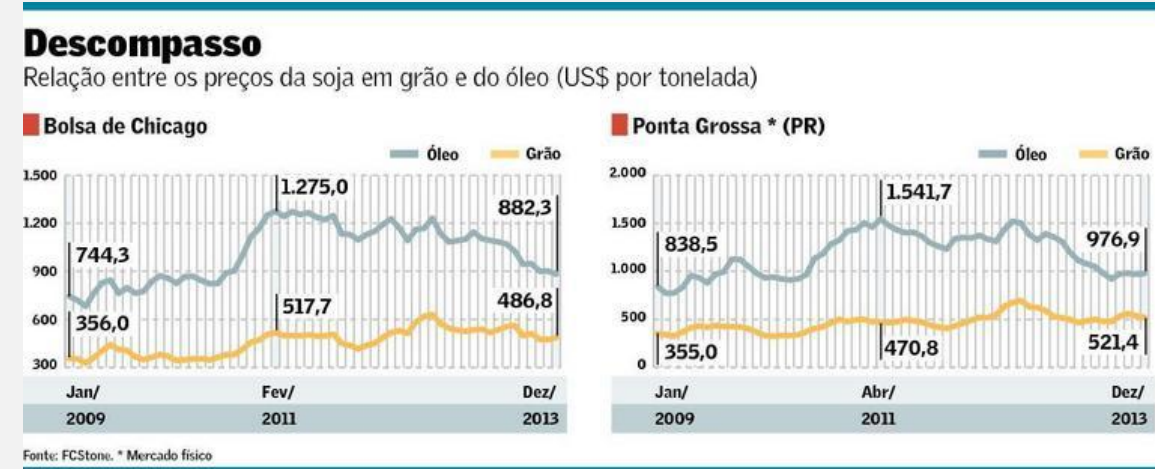
14/01/2014

Palma e China afetam relação entre preços da soja e do óleo

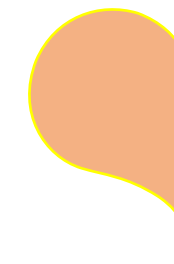
Por Mariana Caetano | De São Paulo

Os preços da soja e do óleo subproduto do grão sofreram um descolamento no ano passado. Estudo da consultoria FCStone aponta que a relação entre as cotações das duas commodities, que costumava girar em torno de 3 (preço do óleo era três vezes o da soja), passou à casa de 2,2 vezes, considerando as cotações na bolsa de Chicago. No Brasil, em algumas praças, esse número ficou abaixo de 2, o que impactou as margens dos processadores e desestimulou o esmagamento do grão. "Os dois produtos estão agora encontrando uma nova equivalência, possivelmente mais perto de 2 [óleo valendo o dobro da soja]", disse Thadeu Silva, diretor do Departamento de Inteligência de Mercado da FCStone, um dos autores do estudo.

O movimento começou a ser observado no início de 2013, quando os preços do óleo iniciaram uma trajetória de queda, enquanto os do grão permaneceram elevados (embora em níveis inferiores aos de 2012, ano marcado por quebras nas safras da América do Sul e dos EUA). Em 2 de janeiro de 2013, a soja era negociada a US\$ 14 por bushel na bolsa de Chicago, e o óleo, a US\$ 36 por bushel; no fim de dezembro, o grão estava em US\$ 13 por bushel, enquanto o óleo havia caído a US\$ 27 por bushel. No período comparado, portanto, a soja recuou 7%, e o óleo, 25%.



No Brasil, com base nos preços do mercado físico de Ponta Grossa (PR), importante polo de processamento de soja, houve uma queda de 1% dos preços do grão no ano passado, e uma redução de 28% nos preços do óleo. "Com isso, a relação entre o óleo e a soja está próxima de 1,5, sendo que já chegou a ser de 3,5 em 2008, época que coincide com o início da obrigatoriedade da mistura de biodiesel ao diesel no país", afirma Natalia Orlovicin, analista da FCStone, que também assina o estudo. Situação semelhante foi verificada em outras praças, como Rio Verde (GO), Uberlândia (MG), Rondonópolis (MT) e Porto Alegre (RS).



Assim, enquanto a produção brasileira de soja em 2012/13 cresceu mais de 20%, o consumo interno (processamento) avançou somente 4,8%. Em Ponta Grossa, as margens brutas de esmagamento em 2013 ficaram predominantemente abaixo da média dos últimos cinco anos. Em dezembro, estavam em US\$ 50 por tonelada, ante média de US\$ 67 por tonelada.

A maior concorrência no mercado global de óleos vegetais, em especial com o óleo de palma, foi um dos fatores que determinaram a baixa do óleo de soja. A palma é uma cultura perene (ciclo longo), que atinge o ápice de produção após 8 anos. Em meados dos anos 2000, os preços do óleo desse vegetal (substituto ideal para o óleo de soja na indústria de alimentos e de biodiesel) estavam vantajosos e houve um estímulo ao cultivo na Ásia. Agora, o mercado está sendo inundado pelo produto.

"Como a palma permite colheitas por até 25 anos, a expectativa é que a oferta permaneça elevada nos próximos anos, independente do que acontecer com os preços", disse o diretor da FCStone. A produção global de óleo de palma tem crescido à média de 6% nos últimos 5 anos, contra alta de 3,5% do derivado da soja. Com a ampla oferta, as cotações do óleo de palma acabaram deprimidas. A commodity fechou 2013 a US\$ 811 por tonelada, 5% abaixo dos US\$ 855 por tonelada do óleo de soja.

A recuperação da safra em importantes produtores de soja (como EUA e Brasil), no último ano, também contribuiu para elevar a oferta do óleo, porque ampliou a oferta da matéria-prima. Contudo, os preços do grão não caíram tão significativamente porque foram sustentados pela demanda firme, especialmente da China.

Há, nesse caso, uma particularidade bastante prejudicial ao óleo. A política chinesa de importação prioriza a compra do grão, e não do farelo ou do óleo, em função das metas locais de geração de empregos e renda. "No Brasil, ao contrário, existe um imposto que desonera a soja em grão e onera os subprodutos. Se fosse diferente, teríamos uma justificativa para aumentar nossa capacidade de esmagamento, com vistas à exportação", explicou Silva. Atualmente, as exportações de óleo do país correspondem, em volume, a cerca de 2% do total dos embarques do complexo soja.

Segundo Natalia, a limitação do mercado de biodiesel, que absorve 35% da produção nacional de óleo de soja mas aguarda uma elevação na obrigatoriedade da mistura ao diesel (hoje em 5%), colabora para agravar o cenário de desalento. "A atual política não tem gerado aumento de demanda, que poderia sustentar o preço", ressaltou.

Para 2014, a perspectiva da consultoria é de que a oferta de óleos vegetais continue positiva, o que pode manter os preços ainda baixos. Por outro lado, as cotações da soja tendem a recuar com a maior produção esperada na América do Sul e nos EUA, o que pode ajudar na recuperação parcial das margens de esmagamento.



17/01/2014

Bunge fecha esmagadora de soja no RS

Por Fernanda Pressinott e Mariana Caetano | De São Paulo

A multinacional americana Bunge anunciou ontem, por meio de comunicado, que encerrará as atividades de sua unidade de processamento de soja na cidade de Passo Fundo (RS). De acordo com a empresa, o motivo é a perda de competitividade dos derivados do esmagamento da commodity, como farelo e óleo, ante a venda da soja em grão.

Com o fechamento da planta, 40 dos 110 funcionários que atuam na unidade gaúcha serão demitidos. A empresa afirmou, entretanto, que manterá a armazenagem de grãos na cidade, além de atividades comerciais, administrativas e logísticas. "A Bunge continuará participando ativamente desse mercado, fornecendo farelo a seus clientes e comprando e movimentando grãos da região, e manterá suas demais unidades no Estado e na região Sul", informou em nota.

Segundo um corretor de grãos que atua na região de Passo Fundo, a unidade era muito antiga e tinha elevados custos de produção. "Por isso, eles podem ter optado por manter apenas a unidade de Rio Grande", afirmou.

Contudo, ele acredita que, por conta das distâncias, não será viável que a planta de Rio Grande atenda grandes frigoríficos localizados na região noroeste do Rio Grande do Sul e na Serra Gaúcha, assim como as unidades da JBS, da BRF e da Aurora - esta última no Estado de Santa Catarina. "A unidade da Bunge em Rio Grande só tem capacidade para atender a região de Porto Alegre e de Canguçu", afirmou.

O operador observou ainda que Passo Fundo é muito importante no mercado de negociação de soja em grão, e que o escritório da Bunge no município "deve tratar apenas de exportação".

Além da menor competitividade dos produtos derivados do esmagamento, a elevada capacidade ociosa das indústrias processadoras - não apenas no Rio Grande do Sul, mas também no restante do Brasil - é fator adicional de pressão nesse segmento, na avaliação de outro operador de grãos que atua no Rio Grande do Sul.

No ano passado, das 13,5 milhões de toneladas de soja colhidas no Rio Grande do Sul, foram exportadas mais de 8 milhões de toneladas e esmagadas apenas 5 milhões localmente, segundo essa fonte. A capacidade instalada de processamento de soja no Estado, contudo, é de 11 milhões de toneladas. "O ano não foi mesmo de margens positivas", disse.



17/07/2014

China enriquece a região, mas agrava primarização

Por César Felício | De Brasília

Os países da América do Sul representados na cúpula de ontem com os países dos Brics, em Brasília, podem divergir em diversos pontos, mas convergem em um fundamental: a relação comercial cada vez mais intensa com a China, que aprofundou a primarização da economia da região ao longo da década passada.

Na "grande aliança para a prosperidade econômica", comemorada pelo presidente venezuelano Nicolás Maduro no instante em que chegou à capital brasileira, na madrugada de quarta-feira, a China deverá ser o elemento ordenador.

De acordo com dados da Cepal (Comissão Econômica para a América Latina, da ONU), entre 2000 e 2012 a China deixou de ser o 36º mercado de exportações colombianas para se tornar o segundo. No caso brasileiro, passou do décimo-segundo posto para o primeiro. No da Argentina, evoluiu do sexto para o terceiro lugar. No Chile foi do quinto para o primeiro posto. No Peru da quarta para a primeira posição.

Do total exportado pela América Latina para a China, 69% correspondem a produtos primários, porcentagem que cai para 42% em relação ao resto do mundo.

"Os países sul-americanos até o momento nunca conseguiram dar uma dimensão econômica para a Unasul, que permanece uma instância apenas de caráter político. Mas a inserção internacional de todos eles em relação a China é idêntica", disse o consultor de relações internacionais argentino Jorge Castro, que pensa que a aproximação entre os Brics e o continente pode levar, no futuro, a uma reedição atenuada da frustrada tentativa de integração continental feita pelos Estados Unidos ao lançar a Alca, nos anos 90.

Com o banco de desenvolvimento dos Brics, a China poderá se consolidar como investidora direta no continente, algo que ainda faz com timidez. Apenas 13% do capital chinês aplicado no exterior está na América Latina, de acordo com a Cepal.

O país asiático teve um fluxo de investimentos em 2012 de US\$ 9,2 bilhões para os países latinos, sendo US\$ 6 bilhões para o Brasil, o que ainda o posiciona muito abaixo dos Estados Unidos e da União Europeia. Outros US\$ 1,3 bilhão foram investidos no Peru, cujo presidente, Ollanta Humala, foi um dos que mantiveram reunião bilateral em Brasília com o chinês Xi Jinping.

Envolvida em uma crise do setor externo cada vez mais aguda e sempre confrontada com a indústria no Brasil, a Argentina poderá ganhar força com o aumento da influência chinesa sobre o continente. No ano passado, Pequim trabalhou para que a Argentina fosse mantida como membro do G-20, apesar dos atritos do país com Estados Unidos, União Europeia e Japão em função de suas políticas protecionistas.

O então primeiro-ministro chinês, Wen Jiabao, visitou a Argentina em 2012, ocasião em que a presidente Cristina Kirchner, improvisou uma teleconferência dos demais países do Mercosul com o seu visitante.

Em apenas quatro anos, no momento em que a Argentina restringia importações do mundo inteiro, as encomendas do país de mercadorias chinesas subiram 64%, entre 2010 e 2013, puxadas por aquisições de bens de capital. A garantia de linhas de financiamento fez com que empreiteiras da China ganhassem licitações de obras públicas de infraestrutura e energia.

"A Argentina poderá ganhar ou não um posto entre os Brics caso isso seja da conveniência da China, como ocorreu em relação à África do Sul", opinou Castro. Com economia de porte muito menor que China, Brasil, Rússia e Índia, a África do Sul foi incorporada ao grupo dado o grau de interesse dos investidores dos demais países, sobretudo das empresas chinesas, em relação ao continente africano.

Xi Jinping está fazendo uma visita de Estado ao Brasil, mas o presidente chinês irá visitar também a Argentina amanhã. Em Brasília, ele também teve uma reunião bilateral com a presidente chilena, Michelle Bachelet.

19/08/2014

mercado B7

VAIVEM DAS COMMODITIES
Mauro Zafalon

Produção de grãos sobe, mas industrialização é pequena

O país avança rapidamente na produção de grãos, mas as indústrias do agronegócio não conseguem tirar proveito dessa evolução e melhorar a margem de ganho com a agregação de valor.

Um dos exemplos é a produção de soja. Produto de maior expressão no cenário agrícola brasileiro, o volume da oleaginosa teve um aumento de 73% nos últimos dez anos.

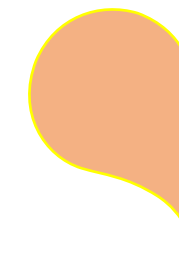


Desembarque de soja no Paraná; processamento do grão não acompanha alta na produção

Nesse mesmo período, a capacidade de moagem das indústrias teve ritmo bem menor, com evolução de 35%. Já o volume de matéria-prima processada pelas indústrias teve evolução de apenas 28% no período.

Em 2004, o Brasil processava 57% da soja produzida. Neste ano, vai processar apenas 42%, tomando como base dados da Abiove (Associação Brasileira das Indústrias de Óleos Vegetais).

Esse volume de exportação de matéria-prima –neste ano o país deverá exportar o recorde de 45 milhões de toneladas dos 86,5 milhões produzidos– se deve não apenas a fatores internos como a externos.



Para ambos os casos, o país não tem uma política específica para o setor do agronegócio. Internamente, há impostos que inibem a movimentação da matéria-prima entre os Estados.

Além disso, as empresas não conseguem liquidar os créditos de PIS/Cofins a que têm direito. Externamente, alguns países, como a China, querem só a matéria-prima, com o objetivo de desenvolver o mercado de trabalho no próprio país.

Fábio Trigueirinho, da Abiove, afirma que faltam políticas internas e externas para o agronegócio. Com isso, o país vai perdendo participação nos produtos industrializados no exterior.

"É um círculo como se fosse o cachorro correndo atrás do próprio rabo", diz ele.

O gargalo da desindustrialização se agravou nos últimos anos. A capacidade de processamento de soja, que era de 154 mil toneladas por dia, em 2008, atingiu 178 mil neste ano, com alta de 16%. Nesse mesmo período, a safra teve expansão de 51%. "A indústria está trabalhando basicamente para o mercado interno", afirma Trigueirinho.

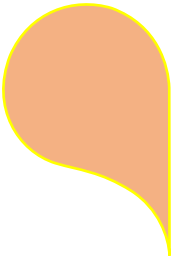
Apesar da safra maior neste ano, as receitas externas com a soja serão menores, devido à queda de preços, prevê a Abiove. O complexo soja rendeu US\$ 31 bilhões no ano passado, receitas que deverão recuar para US\$ 29,7 bilhões neste ano.

As exportações de grãos lideram as receitas e vão render US\$ 22,5 bilhões. Já o valor das exportações do farelo ficam em US\$ 6 bilhões, enquanto o óleo de soja deve render US\$ 1,1 bilhão, conforme estimativas da associação das indústrias.

Até julho, as exportações de soja em grãos já haviam atingido 37,8 milhões de toneladas, com receitas de US\$ 19,3 bilhões, de acordo com a Secex (Secretaria de Comércio Exterior).

A China, maior mercado para o Brasil, ficou com 27,5 milhões das exportações de soja em grãos, pagando US\$ 14,2 bilhões pelo produto.





FOLHA DE S.PAULO

VAIVÉM DAS COMMODITIES

MAURO ZAFALONmauro.zafalon@uol.com.br

País ‘perde’ US\$ 54 bi ao não industrializar soja exportada em 2014

Ano novo, recomeço de go-
verno e muitos planos. Até
agora, boa parte do que foi
dito pelos novos ministros
soou como música para o
agronegócio.

O ministro da Fazenda,
Joaquim Levy, promete bai-
xar custos e elevar as expor-
tações, principalmente as de
maior valor agregado. Quer,
ainda, um acerto entre as ali-
quotas interestaduais do
ICMS, o que seria um alívio
para as indústrias do setor.

Kátia Abreu, da Agricultu-
ra, promete a busca de novos
mercados e a colocação de
mais produtos nos atuais.

Armando Monteiro (Desen-
volvimento) tem a agregação
de valor no DNA, já que vem
da CNI (Confederação Nacio-
nal da Indústria).

Finalmente, as esperanças
do setor vêm também do no-
vo chanceler, Mauro Vieira,
que pode ser o caixeiro-via-
jante do país, abrindo novas
portas para o agronegócio.

Diante desse cenário, as
cadeias do agronegócio co-
meçam a fazer as contas e
acreditam que, aos poucos, o
país vai aumentar as expor-



Porto de Itaqui, no Maranhão; agregação de valor à oleaginosa poderia gerar US\$ 77 bi

tações, principalmente as
com valor agregado.

A Abiove (Associação Bra-
sileira das Indústrias de Óleos
Vegetais) saiu na frente e che-
gou a números impressionan-
tes. Para cada dólar recebido

com as exportações de soja e
de milho em grãos, o país po-
deria ter recebido outros US\$
2,30 se tivesse industrializa-
do as commodities.

Diante desse número, cál-
culo da **Folha** indica que a

exportação de soja em grãos
—que rendeu US\$ 23,3 bi-
lhões em 2014— poderia ter
chegado a US\$ 77 bilhões em
2014 se a venda tivesse sido
feita por meio de produtos
agregados. A de milho teria

somado US\$ 13 bilhões, ante
os US\$ 3,9 bilhões obtidos.

Nos cálculos da Abiove,
um hectare de terra produziu
3.010 quilos de soja na safra
de verão de 2013. A safrinha
de milho rendeu outros 5.780
quilos de milho no mesmo
hectare de terra. Esses dois
produtos, tomando como ba-
se os preços por tonelada de
exportação, saíram dos por-
tos brasileiros por US\$ 2.974.

Com essa mesma quanti-
dade de produto “in natura”,
o país conseguiu produzir e
exportar 4.515 quilos de fran-
go, a US\$ 2.049 por tonelada.
O resultado final foram recei-
tas de US\$ 9.251.

Essa produção de soja e de
milho do mesmo hectare de
terra, quando consumida na
suinocultura, gerou ração su-
ficiente para a produção de
3.251 quilos de carne suína,
que teve uma cotação média
de US\$ 2.627 por tonelada no
exterior em 2013. O resultado
foram receitas de US\$ 8.540.

Além da ração, a moagem
da soja gerou 587 quilos de
óleo, que renderam US\$ 588.

Fábio Trigueirinho, da
Abiove, diz que nem toda a

soja nem todo o milho produ-
zidos no país poderão ser ex-
portados sob forma de valor
agregado. Principalmente
porque o maior importador
do país, a China, prefere in-
dustrializar o produto em
suas fábricas.

Além disso, a ampliação no
mercado de carnes não é tão
fácil, uma vez que é um dos
produtos que mais sofrem
barreiras.

Mas esse novo olhar do go-
verno para a ampliação da
agregação de valor é positiva.
“Aos poucos, as ideias já dis-
cutidas e amadurecidas nos
últimos anos poderão ser co-
locadas em prática”, diz ele.

As mudanças passam por
políticas públicas, principal-
mente por uma adequação
tributária. A soja que vai de
Mato Grosso à China é isenta
de impostos. Se parar no Pa-
raná para ser industrializada,
paga 12% de ICMS, além de
PIS/Cofins nos insumos utili-
zados na industrialização.

As exportações totais do
Brasil somaram US\$ 242 bi-
lhões no ano passado. Desse
valor, US\$ 31,4 bilhões vie-
ram do complexo soja.



10/04/2015

Brasil e AL devem focar em produzir maior valor agregado, afirma Dilma

Por **Sergio Lamucci**

CIDADE DO PANAMÁ -O Brasil e outros países da América Latina devem almejar ser produtores de maior valor agregado, evitando se concentrar apenas na exportação de produtos primários, disse nesta sexta-feira a presidente Dilma Rousseff. “Nós precisamos acoplar atividades que agreguem valor, que impliquem em inovação e que não se restrinjam pura e simplesmente às práticas de especialização do universo de trabalho do mundo que destina aos países da América Latina um papel de exportador de commodities”, afirmou Dilma, ao participar de evento na Cidade do Panamá.

Segundo a presidente, os países da região devem entrar no mercado de produtos de maior valor agregado, de “utilizadores de conhecimento como forma de garantir que os nossos povos tenham acesso de fato a um padrão de vida de classe média”. Para Dilma, isso significa melhores salários e também um compromisso com o empreendedorismo, que estaria “na raiz da agregação de valor nos países da região”.

Ela destacou então a importância da internet para ajudar nesse processo, observando que a rede pode ajudar a melhorar a qualidade do ensino e da qualificação de professores e diretores. Segundo a presidente, a educação é fundamental tanto para o crescimento quanto para a inclusão social do país.

Dilma falou no painel de encerramento do painel de encerramento da Cúpula Empresarial, evento que ocorre paralelamente à VII Cúpula das Américas na Cidade do Panamá, do qual também participaram o presidente dos EUA, Barack Obama, e os mandatários do Panamá, Juan Carlos Varela, e do México, Enrique Peña Nieto.

<http://www.valor.com.br/brasil/4001866/brasil-e-al-devem-focar-em-produzir-maior-valor-agregado-afirma-dilma>

OBRIGADO



APROBIO
Associação dos Produtores de Biodiesel do Brasil


Ubrabio
União Brasileira do Biodiesel
e Bioquerosene